Rumo ao alto! São Pier Giorgio (Pedro Jorge) Frassati

“Queridos jovens, nossa esperança é Jesus. É Ele, como dizia São João Paulo II, «quem desperta em vocês o desejo de fazer da sua vida algo grandioso [...], para melhorar a si mesmos e a sociedade, tornando-a mais humana e fraterna» (XV Jornada Mundial da Juventude, Vigília de Oração, 19 de agosto de 2000). Mantenham-se unidos a Ele, permaneçam em sua amizade, sempre, cultivando-a com a oração, a adoração, a Comunhão eucarística, a confissão frequente, a caridade generosa, como nos ensinaram os beatos Pedro Jorge Frassati e Carlos Acutis, que em breve serão proclamados Santos. Aspirai a coisas grandes, à santidade, onde quer que estejam. Não se contentem com menos. Então verão crescer a cada dia, em vocês e ao redor de vocês, a luz do Evangelho” (Papa Leão XIV – homilia do Jubileu dos jovens – 3 de agosto de 2025).

Pier Giorgio (Pedro Jorge) e P. Cojazzi

O senador Alfredo Frassati, embaixador do Reino da Itália em Berlim, era proprietário e diretor do jornal La Stampa de Turim. Os salesianos tinham uma grande dívida de gratidão para com ele. Na ocasião do grande escândalo conhecido como “Os fatos de Varazze”, em que tentaram manchar a honra dos salesianos, Frassati os defendeu. Enquanto até alguns jornais católicos pareciam perdidos e desorientados diante das graves e dolorosas acusações, o La Stampa, após uma rápida investigação, antecipou as conclusões da justiça proclamando a inocência dos salesianos. Assim, quando da casa dos Frassati chegou o pedido de um salesiano para acompanhar os estudos dos dois filhos do senador, Pedro Jorge e Luciana, o P. Paulo Álbera, Reitor-Maior, sentiu-se na obrigação de aceitar. Enviou o P. Antônio Cojazzi (1880-1953). Era o homem certo: boa cultura, temperamento jovem e uma capacidade comunicativa

excepcional. O P. Cojazzi formou-se em letras em 1905, em filosofia em 1906, e obteve o diploma de habilitação para o ensino da língua inglesa após um sério aperfeiçoamento na Inglaterra.

Na casa dos Frassati, o P. Cojazzi tornou-se algo mais que o 'preceptor' que acompanha os jovens. Tornou-se um amigo, especialmente de Pedro Jorge, de quem diria: "Conheci-o com dez anos e o acompanhei por quase todo o ginásio e o liceu com aulas que nos primeiros anos eram diárias; o acompanhei com interesse e afeto crescentes". Pedro Jorge, que se tornou um dos jovens de destaque da Ação Católica de Turim, ouvia as conferências e aulas que o P. Cojazzi dava aos sócios do Círculo C. Balbo, acompanhava com interesse a Revista dos Jovens, subia às vezes a Valsalice em busca de luz e conselho nos momentos decisivos.

Um momento de notoriedade

Pedro Jorge o teve durante o Congresso Nacional da Juventude Católica italiana, em 1921: cinquenta mil jovens desfilando por Roma, cantando e rezando. Pedro Jorge, estudante do politécnico, segurava a bandeira tricolor do círculo turinense C. Balbo. As tropas reais, de repente, cercaram a enorme procissão e a atacaram para arrancar as bandeiras. Queriam impedir distúrbios. Uma testemunha relatou: "Eles batiam com os canos dos mosquetes, agarravam, quebravam, arrancavam nossas bandeiras. Vi Pedro Jorge lutando com dois guardas. Corremos para ajudá-lo, e a bandeira, com o mastro quebrado, ficou em suas mãos. Presos à força em um pátio, os jovens católicos foram interrogados pela polícia. A testemunha lembra o diálogo conduzido com os modos e as cortesias utilizadas nessas situações:

- E você, como se chama?
- Pedro Jorge Frassati, filho de Alfredo.
- O que seu pai faz?
- Embaixador da Itália em Berlim.

Surpresa, mudança de tom, desculpas, oferta de liberdade imediata.

– Sairei quando saírem os outros.

Enquanto isso, o espetáculo brutal continuava. Um sacerdote foi jogado, literalmente jogado no pátio com a batina rasgada e uma bochecha sangrando... Juntos nos ajoelhamos no chão, no pátio, quando aquele padre maltrapilho ergueu o rosário e disse: “Rapazes, por nós e por aqueles que nos espancaram, vamos rezar!”.

Amava os pobres

Pedro Jorge amava os pobres, ia procurá-los nos bairros mais distantes da cidade; subia as escadas estreitas e escuras; entrava nos sótãos onde só habitam a miséria e a dor. Tudo o que tinha no bolso era para os outros, assim como tudo o que guardava no coração. Chegava a passar as noites ao lado de doentes desconhecidos. Numa noite em que não voltou para casa, o pai, cada vez mais ansioso, telefonou para a delegacia, para os hospitais. Às duas horas ouviu a chave girar na porta e Pedro Jorge entrou. O pai explodiu:

– Escuta, você pode ficar fora de dia, de noite, ninguém diz nada. Mas quando chega tão tarde, avisa, telefona!

Pedro Jorge olhou para ele e, com a simplicidade de sempre, respondeu:

– Papai, onde eu estava, não havia telefone.

As Conferências de São Vicente de Paulo o viram como colaborador assíduo; os pobres o conheceram como consolador e socorrista; os miseráveis sótãos o acolheram frequentemente entre suas paredes sombrias como um raio de sol para seus habitantes desamparados. Dominado por uma profunda humildade, o que fazia não queria que fosse conhecido por ninguém.

Jorginho belo e santo

Nos primeiros dias de julho de 1925, Pedro Jorge foi atacado e derrubado por um violento surto de poliomielite. Tinha 24 anos. Na cama de morte, enquanto uma doença terrível devastava suas costas, ainda pensava nos seus pobres. Em um bilhete, com uma grafia quase ilegível, escreveu para o engenheiro Grimaldi, seu amigo: Aqui estão as injeções para Converso, a

apólice é de Sappa. Esqueci, renove você.

De volta do funeral de Pedro Jorge, o P. Cojazzi escreveu rapidamente um artigo para a Revista dos Jovens: “Vou repetir a velha frase, mas muito sincera: não acreditava que o amaria tanto. Jorginho belo e santo! Por que essas palavras insistentes cantam no meu coração? Porque as ouvi repetir, ouvi pronunciar por quase dois dias, pelo pai, pela mãe, pela irmã, com uma voz que dizia sempre e nunca repetia. E porque surgem certos versos de uma balada de Deroulède: «Falarão dele por muito tempo, nos palácios dourados e nas casinhas perdidas! Porque dele falarão também os barracos e os sótãos, onde passou tantas vezes como anjo consolador». Conheci-o com dez anos e o acompanhei por quase todo o ginásio e parte do liceu... o acompanhei com interesse crescente e afeto até sua atual transfiguração... Escreverei sua vida. Trata-se da coleta de testemunhos que apresentam a figura desse jovem na plenitude de sua luz, na verdade espiritual e moral, no testemunho luminoso e contagiante de bondade e generosidade”.

O best-seller da editoria católica

Incentivado e impulsionado também pelo arcebispo de Turim, Dom José Gamba, o P. Cojazzi pôs-se a trabalhar com afinco. Os testemunhos chegaram numerosos e qualificados, foram organizados e cuidadosamente avaliados. A mãe de Pedro Jorge acompanhava o trabalho, dava sugestões, fornecia material. Em março de 1928 saiu a vida de Pedro Jorge. Luís Gedda escreve: “Foi um sucesso estrondoso. Em apenas nove meses, 30 mil cópias do livro foram esgotadas. Em 1932, já haviam sido distribuídas 70 mil cópias. Em 15 anos, o livro sobre Pedro Jorge alcançou 11 edições, e talvez tenha sido o best-seller da editoria católica naquele período”.

A figura iluminada pelo P. Cojazzi foi uma bandeira para a Ação Católica durante o difícil tempo do fascismo. Em 1942, tinham adotado o nome de Pedro Jorge Frassati: 771 associações juvenis da Ação Católica, 178 seções aspirantes, 21 associações universitárias, 60 grupos de estudantes do ensino médio, 29 conferências de São Vicente, 23 grupos do Evangelho...

O livro foi traduzido para pelo menos 19 idiomas.

O livro do P. Cojazzi marcou uma virada na história da juventude italiana. Pedro Jorge foi o ideal apontado sem reservas: alguém que soube demonstrar que ser cristão em profundidade não é de fato utópico, nem fantasioso.

Pedro Jorge Frassati também marcou uma virada na história do P. Cojazzi. Aquele bilhete escrito por Pedro Jorge na cama de morte revelou-lhe de forma concreta, quase brutal, o mundo dos pobres. Escreve o próprio P. Cojazzi: “Na Sexta-feira Santa desse ano (1928), com dois universitários, visitei por quatro horas os pobres fora da Porta Metrônia. Essa visita me proporcionou uma lição e humilhação muito saudáveis. Eu tinha escrito e falado muito sobre as Conferências de São Vicente... e, no entanto, nunca tinha ido uma única vez visitar os pobres. Naqueles barracos imundos, muitas vezes me vieram lágrimas aos olhos... A conclusão? Aqui está clara e crua para mim e para vocês: menos palavras bonitas e mais obras de bondade”.

O contato vivo com os pobres não é apenas uma aplicação imediata do Evangelho, mas uma escola de vida para os jovens. São a melhor escola para os jovens, para educá-los e mantê-los na seriedade da vida. Quem vai visitar os pobres e toca com as próprias mãos suas feridas materiais e morais, como pode desperdiçar seu dinheiro, seu tempo, sua juventude? Como pode reclamar de seus trabalhos e dores, quando conhece, por experiência direta, que outros sofrem mais do que ele?

Não sobreviva, viva!

Pedro Jorge Frassati é um exemplo luminoso de santidade juvenil, atual, “enquadrado” em nosso tempo. Ele atesta mais uma vez que a fé em Jesus Cristo é a religião dos fortes e dos verdadeiramente jovens, que só ela pode iluminar todas as verdades com a luz do “mistério” e que somente ela pode oferecer a perfeita alegria. Sua existência é o modelo perfeito da vida normal ao alcance de todos. Ele, como todos os seguidores de Jesus e do Evangelho, começou pelas pequenas coisas; chegou às alturas mais sublimes ao se afastar dos

compromissos de uma vida medíocre e sem sentido, empregando a natural teimosia em seus firmes propósitos. Tudo, em sua vida, foi degrau para subir; até aquilo que deveria ter sido um obstáculo. Entre os companheiros, era o intrépido e exuberante animador de toda empreitada, reunindo ao seu redor tanta simpatia e admiração. A natureza lhe foi generosa: de família renomada, rico, de engenho sólido e prático, físico forte e robusto, educação completa, nada lhe faltava para se destacar na vida. Mas ele não queria apenas sobreviver, queria conquistar seu lugar ao sol, lutando. Era um homem de fibra e uma alma de cristão.

Sua vida tinha em si uma coerência que repousava na unidade do espírito e da existência, da fé e das obras. A fonte dessa personalidade tão luminosa estava na profunda vida interior. Frassati rezava. Sua sede da Graça o fazia amar tudo o que preenche e enriquece o espírito. Aproximava-se todos os dias da Santa Comunhão, depois permanecia aos pés do altar, por muito tempo, sem que nada o distraísse. Rezava nas montanhas e pelo caminho. Porém, sua fé não era ostentação, embora os sinais da cruz feitos na rua pública ao passar diante das igrejas fossem grandes e seguros, embora o Rosário fosse rezado em voz alta, em um vagão de trem ou no quarto de um hotel. Mas era, antes, uma fé vivida tão intensamente e sinceramente que brotava de sua alma generosa e franca com uma simplicidade de atitude que convencia e emocionava. Sua formação espiritual se fortaleceu nas adorações noturnas, das quais foi fervoroso defensor e participante assíduo. Fez mais de uma vez os exercícios espirituais, deles tirando serenidade e vigor espiritual.

O livro do P. Cojazzi termina com a frase: “Conhecê-lo ou ouvir falar dele significa amá-lo, e amá-lo significa segui-lo”. O desejo é que o testemunho de Pedro Jorge Frassati seja “sal e luz” para todos, especialmente para os jovens de hoje.

Os cordeirinhos e a tempestade de verão (1878)

O relato onírico que se segue, narrado por Dom Bosco na noite de 24 de outubro de 1878, é muito mais do que um simples entretenimento noturno para os jovens do Oratório. Através da delicada imagem dos cordeirinhos surpreendidos por uma violenta tempestade de verão, o santo educador traça uma alegoria vívida das férias escolares: um tempo aparentemente despreocupado, mas carregado de perigos espirituais. O prado convidativo representa o mundo exterior, o granizo simboliza as tentações, enquanto o jardim protegido alude à segurança oferecida pela vida de graça, pelos sacramentos e pela comunidade educativa. Neste sonho, que se torna catequese, Dom Bosco lembra aos seus meninos – e a nós – a urgência de vigiar, recorrer à ajuda divina e apoiar-se mutuamente para voltar íntegros à vida cotidiana.

Da partida para as férias e do retorno, nenhuma novidade neste ano, se não fosse um sonho em torno dos efeitos que as férias costumam produzir. Dom Bosco narrou-o na noite de 24 de outubro. Assim que fez seu anúncio, viram-se manifestações gerais de júbilo.

Estou feliz em ver meu exército armado *contra diabolum* (contra o demônio). Essa expressão, embora latina, também é entendida por Cottino [ajudante no refeitório, que se gabava de ser poeta]. Tantas coisas gostaria de dizer-lhes, sendo a primeira vez que lhes falo depois das férias; mas por enquanto quero contar-lhes um sonho. Sabem que os sonhos são feitos dormindo e que não se deve acreditar neles; mas se não há mal em não acreditar, às vezes não há mal em acreditar e pode até servir como instrução, como, por exemplo, este.

Eu estava em Lanzo no primeiro turno de exercícios

espirituais e dormia quando, como eu disse, tive um sonho. Encontrei-me num lugar onde não sabia qual região fosse, mas era perto de uma cidade onde se estendia um jardim, e próximo a este jardim um vasto prado. Estava na companhia de alguns amigos que me convidaram para entrar no jardim. Entro e vejo muito cordeiros que pulavam, corriam, davam cambalhotas, segundo seu costume. Quando eis que uma porta se abre no gramado e os cordeiros saem para pastar.

Muitos, no entanto, não se importam em sair, mas param no jardim; e iam aqui e ali cortando um pouco de grama, e assim pastavam, embora não houvesse capim em abundância como fora no prado, aonde chegara o maior número. – Quero ver o que esses cordeirinhos fazem lá fora, – eu disse. Fomos ao prado e vimo-los pastando em paz. E eis que o céu se escurece rapidamente, raios e trovões seguem e uma tempestade se aproxima.

– O que será desses cordeirinhos, se pegam a tempestade? – eu ia falando. Vamos nos retirar em lugar seguro. – E comecei a chamá-los. Então eu de um lado e os meus companheiros espalhados em lugares diferentes, tentamos empurrá-los para a porta do jardim. Mas eles não queriam saber de entrar; corre aqui, foge de lá, eh, sim! Os cordeirinhos tinham pernas melhores que as nossas. Enquanto isso, gotas grossas começaram a cair, então veio a chuva e eu não conseguia reunir aquele rebanho. Uma ou duas ovelhinhas entraram no jardim, mas todas as outras, e estavam em grande quantidade, permaneceram no prado. – Bem, eu disse, se elas não querem vir, pior para elas! No entanto, nós nos retiramos. – E fomos para o jardim.

Lá havia uma fonte sobre a qual estava escrito em grandes letras: *Fons signatus*, fonte selada. Estava coberta e eis que se abre; a água se eleva e se divide em forma de arco-íris, mas parecido a uma abóbada como esse pórtico.

Enquanto isso, os raios se tornaram mais frequentes, o trovão mais ruidoso e o granizo começou a cair. Nós, com todos os cordeiros que estavam no jardim, nos abrigamos e nos reunimos embaixo daquela abóbada maravilhosa e

a água e o granizo não penetravam ali.

– Mas o que é isso? – eu perguntava aos amigos. O que acontecerá com os pobrezinhos do lado de fora?

– Verá! – responderam-me. Olhe na testa desses cordeiros; o que vê? – Observei e vi que na testa de cada um desses animais estava escrito o nome de um jovem do Oratório.

– O que é isso? – perguntei.

– Verá, verá!

Enquanto isso, eu não conseguia mais me conter e queria sair para ver o que faziam aqueles pobres cordeiros que tinham ficado de fora. – Vou recolher os que morreram e enviá-los para o Oratório, pensava eu. – Saindo fora daquele arco, eu também peguei a chuva; e vi aquelas pobres criaturinhas caídas no chão que, enquanto se moviam, tentavam se levantar e ir em direção ao jardim; mas não podiam andar. Eu abri a porta, levantei minha voz; mas seus esforços foram inúteis. A chuva e o granizo os machucavam tanto e continuavam a maltratá-los, que dava pena: um ficara ferido na cabeça, outro na mandíbula, outro num olho, ou numa perna, outros em outras partes do corpo.

Depois de algum tempo a tempestade cessou. – Olhe, me disse aquele que estava ao meu lado; olhe na testa desses cordeiros. – Observei e li em cada fronte o nome de um jovem do Oratório. – Mah! – eu disse; conheço o jovem que tem esse nome e não acho que é um cordeiro.

Verá, verá, foi-me respondido. – Em seguida, um vaso de ouro com uma tampa de prata foi-me apresentado, e me foi dito: – Toque nas feridas dessas criaturas depois de molhar a mão nesse unguento e imediatamente as feridas sararão.

Eu me coloco a chamá-las:

– Brr, brr! – e elas não se mexem. Repito a chamada; nada: tento aproximar-me de uma e ela se afasta. – Não quer? Pior para você, exclamei. Vou para outra. – E vou, mas mesmo essa me escapa. A quantas me aproximava para ungi-las e curá-las, muitas fugiam de mim. Eu as seguia, mas repetia esse jogo inutilmente. Por fim, cheguei a uma que,

coitadinha, tinha os olhos fora das órbitas e tão surrada que dava pena. Toquei-a com a mão e ela sarou e pulou para o jardim.

Então muitas outras ovelhas, tendo visto isto, não mais tiveram repugnância e permitiram ser tocadas, curadas e entraram no jardim. Mas muitas e geralmente as mais feridas ficaram de fora, nem foi possível abordá-las.

– Se não querem curar-se, pior para elas! Mas não sei como posso levá-las de volta para o jardim.

– Deixe isso, disse-me um dos amigos que estavam comigo; elas virão, elas virão.

– Vamos ver! – eu disse, e recoloquei o vaso de ouro lá onde estava antes e voltei ao jardim. Este tinha-se mudado e li sobre a entrada: *Oratório*. Assim que entrei, eis que aqueles cordeiros que não queriam vir, se aproximam, entram furtivamente e correm para se esconder aqui e ali; e nem mesmo então consegui abordar algum. Havia também vários que, não tendo recebido de bom grado o unguento, esse convertera-se em veneno e, em vez de curá-los, exacerbava suas feridas.

– Olhe! Vê aquele estandarte? – disse-me um amigo.

– Virei e vi uma grande bandeira abanar, e podia-se ler nela uma palavra em grandes letras: *Férias*. – Sim, estou vendo, respondi.

– Eis o efeito das férias, explicou quem estava me acompanhando, estando eu fora de mim pela dor daquele espetáculo. Os meus jovens deixam o Oratório para ir de férias, com boa vontade para alimentar-se da palavra de Deus e para se manterem bons: mas depois vem a tempestade, que são as tentações; então a chuva, que são os assaltos do diabo; enfim, o granizo cai e é quando os coitados caem em culpa. Alguns ainda se recuperam com a confissão, mas outros não usam bem este sacramento, ou não o frequentam. Tenha isso em mente e nunca se canse de dizer aos seus jovens que as férias são uma grande tempestade para suas almas.

Observava eu esses cordeiros e via em alguns feridas mortais; e estava tentando encontrar uma maneira de

curá-los, quando P. Scappini, que fizera barulho, levantando-se no quarto ao lado, me acordou.

Este é o sonho, e embora seja um sonho, tem um significado que não prejudicará aqueles que nele prestarão atenção. Também posso dizer que notei alguns nomes entre os muitos cordeiros do sonho e, comparando-os com os jovens, vi que estes se comportavam exatamente como aconteceu no sonho. Seja qual for o caso, devemos nesta novena dos Santos corresponder à bondade de Deus que quer usar de misericórdia e com uma boa confissão purgar as feridas de nossa consciência. Devemos, então, todos concordar em lutar contra o demônio e com a ajuda de Deus sairemos vitoriosos desta batalha e iremos receber o prêmio da vitória no Paraíso.

Este sonho deve ter tido uma grande influência no início do novo ano escolar; de fato, na novena da Imaculada, as coisas estavam progredindo tão bem, que Dom Bosco expressou sua satisfação dizendo: – Os jovens estão agora no ponto em que, nos últimos anos, mal chegavam em fevereiro. – Na festa da Imaculada Conceição esses viram renovar-se a bela função de despedida da quarta expedição de missionários.

(MB XIII 761-764 / MB PT XIII, 661-665)

Dom Bosco e os títulos de Nossa Senhora

A devoção mariana de Dom Bosco nasce de uma relação filial e viva com a presença materna de Maria, experimentada em todas as fases de sua vida. Desde os pilares votivos erguidos durante a infância em Becchi, passando pelas imagens veneradas em Chieri e Turim, até as peregrinações realizadas com seus meninos aos santuários do Piemonte e da Ligúria, cada etapa revela um título diferente da Virgem – Consolata, Dolorosa,

Imaculada, Nossa Senhora das Graças e muitos outros – que fala aos fiéis de proteção, conforto e esperança. O título que definiria para sempre sua veneração, no entanto, foi “Maria Auxiliadora”: foi a própria Nossa Senhora, segundo a tradição salesiana, quem o indicou. Em 8 de dezembro de 1862, Dom Bosco confidenciou ao clérigo Giovanni Cagliero: “Até agora”, acrescentou, “celebramos com solenidade e pompa a festa da Imaculada, e neste dia foram iniciadas as primeiras obras de nossos oratórios festivos. Mas Nossa Senhora quer que a honremos sob o título de Maria Auxiliadora: os tempos são tão tristes que realmente precisamos que a Santíssima Virgem nos ajude a conservar e defender a fé cristã.” (MB VII, 334)

Os títulos marianos

Escrever hoje um artigo sobre os “títulos marianos” sob os quais Dom Bosco venerou a Santíssima Virgem durante a sua vida pode parecer fora de lugar. Alguém, de fato, poderia dizer: Nossa Senhora não é uma só? Para que servem tantos títulos se não para criar confusão? E então, afinal de contas, a Nossa Senhora de Dom Bosco não é Maria Auxiliadora?

Deixando para os especialistas as reflexões mais profundas que justificam esses títulos do ponto de vista histórico, teológico e devocional, vamos nos contentar com uma passagem da “Lumen Gentium”, o documento sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, que nos tranquiliza, lembrando-nos de que Maria é nossa mãe e que “com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. *Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro, Medianeira*” (Lumen Gentium 62).

Esses quatro títulos admitidos pelo Concílio, bem considerados, englobam em síntese toda uma série de títulos e invocações com os quais o povo cristão chamou Maria, títulos que fizeram Alexandre Manzoni exclamar:

«O Vergine, o Signora, o Tuttasanta, che bei nomi ti serba ogni loquela: più d'un popol superbo esser si vanta in tua gentil tutela» (de *"Il nome di Maria"*). [Ó Virgem, ó Senhora, ó Santíssima, toda oração te reserva grandes nomes. Muitos povos se gloriam orgulhosamente de serem guardados sob a tua proteção] (de *"O Nome de Maria"*).

A própria Liturgia da Igreja parece entender e justificar os louvores que o povo cristão eleva a Maria, quando pergunta: "Como cantaremos teus louvores, Santa Virgem Maria?".

Portanto, deixemos as dúvidas de lado e vejamos quais títulos marianos eram caros a Dom Bosco, antes mesmo que ele difundisse o de Maria Auxiliadora em todo o mundo.

Em sua juventude

As edículas ou ermidas sagradas espalhadas pelas ruas das cidades em muitas partes da Itália, as capelas e os pilares rurais encontrados nos cruzamentos de estradas ou na entrada de estradas particulares em nossas terras constituem um patrimônio de fé popular que até hoje o tempo não apagou. Seria uma tarefa árdua calcular exatamente quantas podem ser encontradas nas estradas do Piemonte. Somente na área de "Becchi-Morialdo" há cerca de vinte, e nada menos que quinze na área de Capriglio.

Em sua maioria, são pilares votivos herdados dos antigos e restaurados várias vezes. Há também os mais recentes que documentam uma piedade que não desapareceu.

O pilar mais antigo da região de Becchi parece datar de 1700. Foi erguido no fundo da "planície" em direção ao *Mainito*, onde as famílias que viviam na antiga "*Scaiota*", mais tarde uma propriedade rural salesiana, agora em reforma, costumavam se reunir.

Esse é o pilar da Consolata, com uma pequena estátua da Virgem Consoladora dos Aflitos, sempre homenageada com flores do campo trazidas pelos devotos.

Joãozinho Bosco deve ter passado por esse pilar muitas vezes, tirando o chapéu, talvez dobrando o joelho e murmurando uma

Ave Maria, como sua mãe lhe ensinara.

Em 1958, os salesianos reformaram o velho pilar e, com um solene serviço religioso, o inauguraram para um renovado culto da comunidade e da população.

Aquela pequena estátua da Consolata poderia ter sido a primeira efígie de Maria que Dom Bosco venerou ao ar livre durante sua vida.

Na antiga casa

Sem mencionar as igrejas de Morialdo e Capriglio, não sabemos exatamente quais imagens religiosas estavam penduradas nas paredes da propriedade Biglione ou da “Casetta” de Dom Bosco. Sabemos que mais tarde, na casa de José, quando Dom Bosco foi se hospedar lá, pôde ver dois quadros antigos nas paredes de seu quarto, um da Sagrada Família e outro de Nossa Senhora dos Anjos. Assim assegurou a Irmã Eulália Bosco. Onde José as conseguiu? Será que João as viu quando era menino? O da Sagrada Família ainda está em exibição hoje no quarto do meio, no primeiro andar da casa de José. Mostra São José sentado em sua mesa de trabalho, com o Menino nos braços, enquanto Nossa Senhora, de pé do outro lado, observa.

Sabemos também que na propriedade Moglia, perto de Moncucco, Joãozinho costumava fazer as orações e rezar o rosário com a família dos proprietários em frente de um pequeno quadro de Nossa Senhora das Dores, que ainda é mantido nos Becchi no primeiro andar da casa de José, no quarto de Dom Bosco, acima da cabeceira da cama. Ele está muito enegrecido, com uma moldura preta contornada em ouro na parte interna.

Em Castelnuovo, Joãozinho tinha ocasiões frequentes de ir à Igreja de Nossa Senhora do Castelo para rezar à Santíssima Virgem. Na Festa da Assunção, os habitantes do vilarejo levavam a estátua de Nossa Senhora em procissão. Nem todo mundo sabe que essa estátua, assim como o quadro do ícone no altar-mor, representam Nossa Senhora da Correia, a dos Agostinianos.

Em Chieri, o estudante e clérigo seminarista João Bosco rezou muitas vezes no altar de Nossa Senhora das Graças na Catedral

de Santa Maria da Escada, no do Santo Rosário na Igreja de São Domingos e diante da Imaculada Conceição na capela do Seminário.

Assim, em sua juventude, Dom Bosco teve a oportunidade de venerar Maria Santíssima sob os títulos de Consolata, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora do Rosário e Imaculada.

Em Turim

Em Turim, João Bosco já havia ido à Igreja de Nossa Senhora dos Anjos para fazer o exame de admissão à Ordem Franciscana em 1834. Voltou lá várias vezes para fazer os Exercícios Espirituais, em preparação para as Ordens Sagradas, na Igreja da Visitação, e recebeu as Ordens Sagradas na Igreja da Imaculada Conceição, na Cúria Arquiepiscopal.

Quando chegava ao Colégio Eclesiástico, certamente rezava com frequência diante da imagem da Anunciação, na primeira capela à direita, na Igreja de São Francisco de Assis. A caminho da Catedral entrando, como é costume ainda hoje, pelo portal da direita, quantas vezes ele parou por um momento em frente à antiga estátua de Nossa Senhora das Graças, conhecida pelos antigos turinenses como “La Madòna Granda”.

Se pensarmos, então, nas caminhadas de peregrinação que Dom Bosco costumava fazer com seus meninos de Valdocco aos santuários marianos de Turim nos dias do Oratório itinerante, podemos nos lembrar, em primeiro lugar, do Santuário da Consolata, o coração religioso de Turim, cheio de lembranças do primeiro Oratório. Dom Bosco levou muitas vezes os seus jovens à “Consolata”. Ele mesmo recorreu à “Consolata”, em lágrimas, quando da morte de sua mãe.

Mas não podemos nos esquecer dos passeios pela cidade a Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora da Campanha, no Monte dos Capuchinhos, à Igreja da Natividade em Pozzo Strada, à Igreja das Graças em Crocetta.

A viagem de peregrinação mais espetacular daqueles primeiros anos do Oratório foi a Nossa Senhora de Superga. Essa monumental igreja dedicada à Natividade de Maria lembrou aos

jovens de Dom Bosco que a Mãe de Deus é “como uma aurora que surge”, um prelúdio da vinda de Cristo.

Assim, Dom Bosco fez com que seus meninos vivenciassem os mistérios da vida de Maria por meio de seus mais belos títulos.

Nos passeios de outono

Em 1850, Dom Bosco inaugurou os passeios “ao ar livre”, primeiro nos Becchi e arredores, depois nas colinas de Monferrato até Casale, de Alexandria até Tortona e na Ligúria até Gênova.

Nos primeiros anos, seu destino principal, se não exclusivo, era os Becchi e arredores, onde celebrava a festa do Rosário com solenidade na pequena capela erguida no andar térreo da casa de seu irmão José em 1848.

Os anos de 1857 a 1864 foram os anos dourados das caminhadas de outono, e os meninos participavam delas em grupos cada vez maiores, entrando nos vilarejos com a banda de música à frente, recebidos festivamente pelo povo e pelos párocos locais. Eles descansavam em celeiros, comiam refeições frugais de camponeses, realizavam cultos devotos nas igrejas e, à noite, faziam apresentações em um palco improvisado.

Em 1857, o destino da peregrinação foi *Santa Maria di Vezzolano*, um santuário e abadia muito queridos por Dom Bosco, localizados abaixo do vilarejo de Albugnano, a 5 km de Castelnuovo.

Em 1861, foi a vez do *santuário de Crea*, famoso em todo o Monferrato. Naquela mesma viagem, Dom Bosco levou novamente os meninos a Nossa Senhora do Poço, em São Salvador.

Em 14 de agosto de 1862, de Vignale, onde se encontravam os jovens, Dom Bosco conduziu o alegre grupo em uma peregrinação ao santuário de *Nossa Senhora das Graças*, em Casorzo. Poucos dias depois, em 18 de outubro, antes de deixarem *Alexandria*, foram novamente à catedral para rezar a *Nossa Senhora da Salve (Rainha)*, venerada com tanta piedade pelos alexandrinos, para obter uma feliz conclusão de seu passeio.

Também na última caminhada de 1864 em Gênova, no caminho de

volta, entre Serravalle e Mornese, um grupo liderado pelo P. Cagliero fez uma devota peregrinação ao santuário de *Nossa Senhora da Guarda*, em *Gavi*.

Esses passeios de peregrinação retomavam os vestígios de uma religiosidade popular característica de nosso povo; eram a expressão de uma devoção mariana, que João Bosco havia aprendido com sua mãe.

E mais ainda...

Nos anos de 1860, o título de Maria Auxiliadora começou a dominar a mente e o coração de Dom Bosco, com a construção da igreja com a qual ele sonhava desde 1844 e que se tornou o centro espiritual de Valdocco, a igreja-mãe da Família Salesiana, o ponto de irradiação da devoção a Nossa Senhora, invocada sob esse título.

Mas as peregrinações marianas de Dom Bosco não cessaram por causa disso. Basta segui-lo em suas longas viagens pela Itália e pela França para ver com que frequência ele aproveitava a oportunidade para uma visita rápida ao santuário da Virgem do lugar.

De *Nossa Senhora de Oropa*, no Piemonte, a *Nossa Senhora do Milagre*, em Roma; de *Nossa Senhora do Boschetto*, em Camogli, a *Nossa Senhora de Gennazzano*; de *Nossa Senhora do Fogo*, em Forlì, a *Nossa Senhora do Olmo*, em Cuneo; de *Nossa Senhora da Boa Esperança*, em Bigione, a *Nossa Senhora das Vitórias*, em Paris.

Nossa Senhora das Vitórias, colocada em um nicho dourado, é uma rainha de pé, segurando seu Filho Divino com as duas mãos. Jesus tem seus pés apoiados na bola estrelada que representa o mundo.

Diante dessa Rainha das Vitórias em Paris, Dom Bosco fez um “sermão de caridade” em 1883, ou seja, uma dessas conferências para obter ajuda para suas obras de caridade para jovens pobres e abandonados. Foi sua primeira conferência na capital francesa, no santuário que é para os parisienses o que o santuário da Consolata é para o povo de Turim.

Esse foi o ponto culminante das andanças marianas de Dom

Bosco, que começaram aos pés da coluna da Consolata, sob a “Scaiotota” dos Becchi.

Novena a Maria Auxiliadora 2025

Esta novena a Maria Auxiliadora 2025 nos convida a nos redescobrirmos filhos sob o olhar materno de Maria. A cada dia, através das grandes aparições – de Lourdes a Fátima, de Guadalupe a Banneux – contemplamos um traço do seu amor: humildade, esperança, obediência, assombro, confiança, consolação, justiça, doçura, sonho. As meditações do Reitor-Mor e as orações dos “filhos” nos acompanham em um caminho de nove dias que abre o coração à fé simples dos pequenos, alimenta a oração e encoraja a construir, com Maria, um mundo curado e cheio de luz, para nós e para todos aqueles que buscam esperança e paz.

1º Dia

Ser Filhos – Humildade e fé

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Lurdes

A pequena Bernadette Soubirous

11 de fevereiro de 1858. Eu acabara de completar 14 anos. Era uma manhã como qualquer outra, um dia de inverno. Estávamos com fome, como sempre. Havia uma caverna, com uma entrada escura. No silêncio, senti uma grande brisa. O arbusto moveu-

se, foi sacudido por uma grande força. Vi, então, uma jovem mulher, branca, não mais alta do que eu, que me cumprimentou com uma leve inclinação da cabeça; ao mesmo tempo, afastou um pouco do corpo os braços estendidos, abrindo as mãos, como as estátuas de Nossa Senhora; fiquei com medo. Então, ocorreu-me rezar: peguei o terço que sempre levo comigo e comecei a rezar o rosário.

Maria mostra-se a sua filha Bernadette Soubirous. A ela, que não sabia ler nem escrever, que falava dialeto e não frequentava o catecismo. Uma menina pobre, alvo de bullying de todos na aldeia, no entanto mesmo assim pronta a confiar e entregar-se, como quem não tem nada. E nada a perder. Maria confia-lhe os seus segredos, e o faz porque confia nela. Trata-a com ternura, dirige-se a ela com gentileza, diz-lhe “por favor”. E Bernadette se abandona e acredita nela, exatamente como uma criança faz com a própria mãe. Acredita na promessa que Nossa Senhora lhe faz: **de não a fazer feliz neste mundo, mas no outro**. E ela se lembra dessa promessa por toda a vida. Uma promessa que lhe permitirá enfrentar todas as dificuldades de cabeça erguida, com força e determinação, fazendo o que Nossa Senhora lhe pediu: rezar, rezar sempre por todos nós, pecadores. Ela também promete: guarda os segredos de Maria e dá voz ao seu pedido de um Santuário no local da aparição. E, no momento da morte, Bernadette sorri, recordando o rosto de Maria, seu olhar terno, seus silêncios, suas poucas, mas intensas palavras e, sobretudo, aquela promessa. E se sente filha, filha de uma Mãe que cumpre as suas promessas.

Maria, Mãe que promete

Tu, que prometeste ser mãe da humanidade, ficaste ao lado dos teus filhos, a começar pelos pequenos e mais pobres. A eles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Tem fé: Maria se mostra também a nós se soubermos despojar-nos de tudo.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, humildade e fé

Podemos dizer que a Bem-Aventurada Virgem Maria é para nós um farol de humildade e de fé que acompanha o nosso tempo, acompanha a nossa vida, acompanha a experiência de todos e de cada um de nós. Não esqueçamos, porém, que a humildade de Maria não é, antes de qualquer coisa, uma simples modéstia exterior, não é uma fachada, mas sim uma profunda consciência da sua pequenez diante da grandeza de Deus.

O seu “sim, eis aqui a serva do Senhor”, que ela pronunciou diante do anjo, é um ato de humildade, não de presunção; é um abandono confiante de quem se reconhece instrumento nas mãos de Deus. Maria não busca reconhecimento, Maria busca simplesmente ser serva, colocando-se silenciosamente em último lugar, com humildade, com simplicidade que nos desarma. Esta humildade, uma humildade radical, é a chave que abriu o coração de Maria à Graça Divina, permitindo que o Verbo de Deus, com a sua grandeza, com a sua imensidão, se encarnasse no seu seio humano.

Eis que Maria nos ensina a sermos como somos, com a nossa humildade, sem orgulho, sem depender da nossa autoridade, da nossa autorreferência, colocando-nos livremente diante de Deus para que possamos colher com plena liberdade e disponibilidade, como o fez Maria, o amor divino e viver a Sua vontade. Eis o segundo ponto, eis a fé de Maria. A humildade de serva a coloca em um caminho constante de adesão incondicional ao projeto de Deus, mesmo nos momentos mais obscuros e incompreensíveis, o que significa enfrentar com coragem a pobreza da sua experiência na gruta de Belém, a fuga para o Egito, a vida escondida em Nazaré, mas sobretudo aos pés da cruz, onde a fé de Maria atinge o seu ápice.

Sob a cruz, com um coração trespassado pela dor, Maria não vacila, Maria não cai, Maria crê na promessa. Sua fé não é um sentimento passageiro, mas uma rocha sólida sobre a qual se fundamenta a esperança da humanidade, a nossa esperança. A

humildade e a fé em Maria estão intrinsicamente ligadas.

Deixemos que esta humildade de Maria ilumine a nossa humanidade para que também a fé possa brotar em nós, para que, reconhecendo a nossa pequenez diante de Deus, não nos sintamos abandonados por sermos pequenos, não nos deixemos vencer pelas presunções, mas nos coloquemos ali, como Maria, com uma atitude de grande liberdade, com uma atitude de grande disponibilidade, reconhecendo a nossa dependência de Deus, vivamos com Deus na simplicidade, mas ao mesmo tempo na grandeza. Assim, Maria nos exorta a cultivar uma fé serena e firme, capaz de superar as provações e confiar na promessa de Deus. Contemplemos a figura de Maria, humilde e fiel, para que também nós possamos dizer generosamente o nosso "sim", como ela o fez.

E nós, somos capazes de acolher as suas promessas de amor com o olhar de uma criança?

Oração de um filho infiel

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna puro o meu coração.

Torna-me humilde, pequeno, capaz de perder-me no teu abraço de mãe.

Ajuda-me a redescobrir a importância do papel de filho e guia os meus passos.

Tu prometes, eu prometo, num pacto que só mãe e filho podem fazer.

Eu cairei, mãe, tu o sabes.

Nem sempre cumprirei as minhas promessas.

Nem sempre confiarei.

Nem sempre conseguirei te ver.

Mas tu, permanece presente, em silêncio, com o teu sorriso, os braços estendidos e as mãos abertas.

E eu pegarei o terço e rezarei contigo por todos os filhos como eu.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

2º Dia

Ser Filhos – Simplicidade e esperança

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Fátima

Os pequenos pastorinhos na Cova da Iria

Na Cova da Iria, por volta das 13h, o céu se abre e o sol aparece. De repente, por volta das 13h30, acontece o improvável: diante de uma multidão admirada, ocorre o milagre mais espetacular, grandioso e incrível já visto desde os tempos bíblicos. O sol inicia uma dança frenética e assustadora que durará mais de dez minutos. Um tempo longuíssimo.

Três pastorinhos, humildes e felizes, testemunham e espalham o milagre que abala milhões de pessoas. Ninguém consegue explicar, dos cientistas aos homens de fé. No entanto, três crianças viram Maria, ouviram a sua mensagem. E acreditam, acreditam nas palavras daquela mulher que apareceu e pediu-lhes para voltarem à Cova da Iria todo dia 13 do mês. Não precisam de explicações, pois depositam toda a sua esperança nas palavras repetidas de Maria. Uma esperança difícil de manter viva, que teria assustado qualquer criança: Nossa Senhora revela a Lúcia, Jacinta e Francisco sofrimentos e conflitos mundiais. Mas eles não têm dúvidas: quem confia na proteção de Maria, mãe protetora, pode enfrentar tudo. E sabem disso muito bem, sentiram na própria pele ao arriscar serem mortos para não trair a palavra dada à mãe celeste. Os três pastorinhos estavam prontos para o martírio, presos e ameaçados diante de um caldeirão de óleo fervente.

Tinham medo:

«Por que temos que morrer sem abraçar os nossos pais? Eu queria tanto ver a minha mãe».

Mesmo assim, decidiram continuar a ter esperança, a acreditar num amor maior do que eles:

«Não tenhais medo. Ofereçamos este sacrifício pela conversão dos pecadores. Pior seria se Nossa Senhora não voltasse mais».

«Por que não rezamos o Terço?».

Uma mãe jamais ignora o clamor dos filhos. E nela os filhos depositam esperança.

Maria, Mãe que protege, permaneceu ao lado dos seus três filhos de Fátima e os salvou, fazendo com que permanecessem vivos. E hoje ainda protege todos os seus filhos no mundo que peregrinam até o santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Maria, Mãe que protege

Tu, que cuidas da humanidade desde o momento da Anunciação, continuas ao lado dos teus filhos mais humildes e cheios de esperança. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Deposita a tua esperança em Maria: ela saberá proteger-te.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, esperança e renovação

A Bem-Aventurada Virgem Maria é a aurora da esperança, fonte inesgotável de renovação.

Contemplar a figura de Maria é como voltar o olhar para um horizonte luminoso, um convite constante a crer num futuro cheio de Graça. E esta Graça é transformadora. Maria é a personificação da esperança cristã em ação. A sua fé inabalável perante as provações, a sua perseverança em seguir Jesus até à cruz, a sua confiante expectativa da ressurreição são as coisas mais importantes. Para nós, são um farol de esperança para toda a humanidade.

Em Maria vemos como a certeza é, por assim dizer, a confirmação da promessa de um Deus que nunca falha em cumprir a sua palavra. Que a dor, o sofrimento, a escuridão não têm a

última palavra. Que a morte é vencida pela vida.

Maria é a esperança! Ela é a estrela da manhã que anuncia a vinda do sol da justiça. Recorrer a Ela significa confiar as nossas expectativas, as nossas aspirações a um coração materno que as apresenta amorosamente ao seu Filho Ressuscitado. De alguma forma, a nossa esperança é sustentada pela esperança de Maria. E se há esperança, as coisas não permanecem como antes; há renovação! A renovação da vida. Ao acolher o Verbo encarnado, Maria tornou possível crer na esperança e na promessa de Deus. Ela tornou possível uma nova criação, um novo começo.

A maternidade espiritual de Maria continua a nos gerar na fé, acompanhando-nos no nosso caminho de crescimento e transformação interior.

Peçamos à Santíssima Maria a graça necessária para que esta esperança que vemos realizada nela renove os nossos corações, cure as nossas feridas, faça-nos ultrapassar o véu da negatividade para empreender um caminho de santidade, um caminho de proximidade com Deus. Peçamos a Maria, a mulher que está com os apóstolos na oração, que nos ajude hoje, fiéis e comunidades cristãs, para que sejamos sustentados na fé e abertos aos dons do Espírito, para que a face da terra seja renovada. Maria nos exorta a nunca nos resignarmos ao pecado e à mediocridade, mas, cheios de esperança nela realizada, desejamos ardentemente uma nova vida em Cristo. Que Maria continue sendo para nós modelo e apoio para continuarmos sempre a acreditar na possibilidade de um novo começo, de um renascimento interior que nos conforme cada vez mais à imagem de seu filho Jesus.

E nós, somos capazes de confiar nela e nos deixarmos proteger com os olhos de uma criança?

Oração de um filho desanimado

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração simples e cheio de esperança.

Eu confio em ti: protege-me em todas as situações.
Entrego-me a ti: protege-me em todas as situações.
Eu escuto a tua palavra: protege-me em toda as situações.
Dá-me a capacidade de crer no impossível e de fazer tudo o que
está ao meu alcance
para levar o teu amor, a tua mensagem de esperança e a tua
proteção ao mundo inteiro.
Peço-te, minha Mãe, protege toda a humanidade, mesmo aquela
que ainda não te reconhece.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

3º Dia

Ser Filho – Obediência e dedicação

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está
sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Guadalupe

O jovem Juan Diego

*«Juan Diego», disse a Senhora, «pequeno e preferido entre os
meus filhos...». Juan ficou de pé num salto.*

«Aonde vais, Juanito?», perguntou a Senhora.

*Juan Diego respondeu com a maior educação possível. Disse à
Senhora que ia à igreja de Santiago para assistir à Missa em
honra à Mãe de Deus.*

*«Meu filho amado», disse a Senhora, «sou eu a Mãe de Deus, e
quero que me escutes com atenção. Tenho uma mensagem muito
importante para ti. Desejo que me construam uma igreja neste
lugar, de onde poderei mostrar o meu amor ao teu povo».*

Um diálogo doce, simples e terno, como o de uma mãe com seu
filho. E Juan Diego obedeceu: foi até o bispo para relatar o
que tinha visto, mas este não lhe deu crédito. Então, o jovem
voltou até Maria e explicou-lhe o que tinha acontecido. Nossa

Senhora deu-lhe outra mensagem e exortou-o a tentar novamente, de novo e de novo. Juan Diego obedecia, não se dava por vencido: cumpriria a tarefa que a Mãe celeste estava a confiar-lhe. Certo dia, porém, absorvido pelos problemas da vida, estava prestes a faltar ao encontro com Nossa Senhora: seu tio estava morrendo. **«Acreditas mesmo que eu me esqueceria de quem amo tanto?» Maria curou o seu tio, enquanto Juan Diego obedecia mais uma vez:**

«Meu amado filho», disse a Senhora, «sobe ao topo da colina onde nos encontramos pela primeira vez. Corta e colhe as rosas que lá encontrares. Coloque-as na tua tilma e traga-as até aqui. Eu lhe direi o que deves fazer e dizer». Mesmo sabendo que naquela colina não cresciam rosas, e certamente não no inverno, Juan correu até o topo. E lá estava o jardim mais lindo que já vira. Rosas de Castela, ainda brilhantes de orvalho, estendiam-se a perder de vista. Ele cortou delicadamente os botões mais bonitos com sua faca de pedra, encheu o seu manto com eles e voltou rapidamente até onde a Senhora o esperava. A Senhora pegou as rosas e as arrumou novamente na tilma de Juan. Depois, amarrou-a atrás do seu pescoço e disse: «Este é o sinal que o bispo quer. Rápido, vai até ele e não pares pelo caminho».

No manto aparecera a imagem de Nossa Senhora e, à vista de tal milagre, o bispo se convenceu. E hoje o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe ainda conserva o manto milagroso.

Maria, Mãe que não se esquece

Tu, que não esqueces nenhum dos teus filhos, não deixas ninguém para trás, olhaste para os jovens que depositaram em ti as suas esperanças. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Obedece mesmo quando não compreendes: uma mãe não se esquece, uma mãe não abandona.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, maternidade e compaixão

A maternidade de Maria não se limita ao seu “sim” que tornou possível a encarnação do Filho de Deus. Certamente, aquele momento é o fundamento de tudo, mas a sua maternidade é uma atitude constante, um modo de ser para nós, de nos relacionarmos com toda a humanidade.

Na cruz, Jesus confia João a ela com as palavras: “Mulher, eis aí o teu filho”, estendendo simbolicamente a sua maternidade a todos os fiéis de todos os tempos.

Maria torna-se assim a mãe da Igreja, a mãe espiritual de cada um de nós.

Vejamos, então, como esta maternidade se manifesta num cuidado terno e atencioso, numa atenção constante às necessidades dos seus filhos e num profundo desejo pelo seu bem. Maria acolhe-nos, nutre-nos com a sua expressão de fidelidade, protege-nos sob o seu manto. A maternidade de Maria é um dom imenso que nos aproxima dela; sentimos sua presença amorosa que nos acompanha a cada momento.

Portanto, a compaixão de Maria é a consequência natural da sua maternidade. Compaixão que não é somente um sentimento superficial de piedade, mas uma profunda participação na dor dos outros, um “sofrer com”. Vemo-la manifestada de forma tocante durante a paixão de seu filho. E da mesma forma que Maria não permanece indiferente à nossa dor, ela intercede por nós, nos consola, nos oferece sua ajuda maternal.

O coração de Maria se torna um refúgio seguro onde podemos depositar nossas fadigas, encontrar conforto e esperança. Maternidade e compaixão em Maria tornam-se, por assim dizer, dois lados da mesma experiência humana em nosso favor, duas expressões de seu infinito amor a Deus e à humanidade.

Sua compaixão é a manifestação concreta de seu ser mãe, compaixão como consequência da maternidade. Contemplar Maria, então, como mãe, abre nossos corações à esperança de que nela encontramos uma experiência verdadeiramente completa. Mãe Celeste que nos ama.

Pedimos a Maria que nos faça vê-la como modelo de humanidade

autêntica, de uma maternidade capaz de “sentir com”, capaz de amar, capaz de sofrer com os outros, seguindo o exemplo do seu filho Jesus, que sofreu e morreu na cruz por nosso amor.

E nós, temos certeza de que uma mãe não se esquece, com a mesma certeza das crianças?

Oração de um filho perdido

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração obediente.

Quando não te escuto, peço-te, insiste.

Quando não retorno, peço-te, vem buscar-me.

Quando não me perdoo, peço-te, ensina-me a indulgência.

Porque nós homens nos perdemos e nos perderemos sempre, mas tu não te esqueças de nós, teus filhos errantes.

Vem buscar-nos, vem pegar-nos pela mão.

Não queremos e não podemos ficar sozinhos aqui.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

4º Dia

Ser Filhos – Admiração e reflexão

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de la Salette

Os pequenos Melânia e Maximino de La Salette

Sábado, 19 de setembro de 1846, os dois pastorinhos subiram logo cedo as encostas do monte Planeau, acima do vilarejo de La Salette, cada um levando quatro vacas para pastar. No meio do caminho, perto de uma pequena fonte, Melânia foi a primeira a ver, sobre um monte de pedras, um globo de fogo «como se o sol tivesse caído ali» e mostrou-o a Maximino. Daquela esfera luminosa começou a surgir uma mulher, sentada com a cabeça

entre as mãos, os cotovelos sobre os joelhos, profundamente triste. Diante do espanto deles, a Senhora levantou-se e, com uma doce voz, em francês, disse-lhes: «Aproximai-vos, meus filhos, não tenhais medo, estou aqui para anunciar-vos uma grande notícia». Encorajados, os meninos se aproximaram e viram que a figura estava chorando.

A mãe anuncia uma grande notícia aos seus filhos, e o faz chorando. Mesmo assim, os meninos não estranham o seu choro. Escutam no mais terno dos momentos entre mãe e filhos. Porque as mães também às vezes se preocupam, porque as mães também confiam aos filhos os seus sentimentos, pensamentos e reflexões. E Maria confia aos dois pastorinhos, pobres e carentes de afeto, uma grande mensagem: «Estou preocupada com a humanidade, estou preocupada convosco, meus filhos, que estais se afastando de Deus. E a vida longe de Deus é uma vida complicada, difícil, feita de sofrimentos». É por isso que ela chora. Chora como qualquer mãe que anuncia aos seus filhos menores e mais puros uma mensagem tão surpreendente quanto grandiosa. Uma mensagem a ser anunciada a todos, a ser levada ao mundo.

E eles o farão, porque não podem guardar para si um momento tão belo: a expressão do amor da mãe pelos seus filhos precisa ser anunciada a todos. O Santuário de Nossa Senhora de La Salette, que se ergue no local das aparições, fundamenta-se na revelação da dor de Maria diante do peregrinar de seus filhos pecadores.

Maria, Mãe que anuncia/que narra

Tu, que te entregas completamente aos teus filhos, a ponto de não ter medo de lhes contar sobre ti, tocaste o coração dos teus menores filhos, capazes de refletir sobre as tuas palavras e acolhê-las com assombro. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Maravilha-te com as palavras de uma mãe: elas sempre serão as mais autênticas.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, amor e misericórdia

Sentimos estas duas dimensões de Maria? Maria é a mulher com um coração transbordante de amor, cuidado e misericórdia. Sentimo-la como um porto seguro, um refúgio seguro quando atravessamos momentos de dificuldade ou de provação.

Contemplar a imagem de Maria é como mergulhar num oceano de ternura, de compaixão. Sentimo-nos envolvidos por um ambiente, por uma atmosfera inesgotável de conforto e esperança. O amor de Maria é um amor materno que abraça toda a humanidade, porque é um amor que tem as suas raízes no seu "sim" incondicional ao desígnio de Deus.

Maria, ao acolher o seu Filho no seu ventre, acolheu o amor de Deus. Consequentemente, o seu amor não conhece fronteiras nem distinções, inclina-se sobre as fragilidades e misérias humanas, com infinita delicadeza. Vemos este amor manifestado na sua atenção a Isabel, na sua intercessão nas bodas de Caná, na sua presença silenciosa e extraordinária aos pés da cruz. O amor de Maria, este amor materno, é um reflexo do próprio amor de Deus, um amor que se aproxima, que consola, que perdoa, que nunca se cansa, que nunca acaba. Maria nos ensina que amar significa entregar-se completamente, estar perto de quem sofre, compartilhar as alegrias e as tristezas dos nossos irmãos e irmãs com a mesma generosidade e a mesma dedicação que animavam o seu coração. Amor-misericórdia.

A misericórdia torna-se então a consequência natural do amor de Maria, uma compaixão, podemos dizer visceral, diante do sofrimento da humanidade, do mundo. Olhamos para Maria, contemplamo-la, encontramos-la com o seu olhar materno e sentimo-lo repousar sobre as nossas fraquezas, sobre os nossos pecados, sobre a nossa vulnerabilidade, sem agressividade, mas com infinita doçura. Ela tem um coração imaculado, sensível ao grito de dor.

Maria é uma mãe que não julga, não condena, mas acolhe, consola, perdoa. Sentimos a misericórdia de Maria como um

bálsamo para as feridas da alma, um abraço que aquece o coração. Maria nos lembra que Deus é rico em misericórdia e que Ele nunca se cansa de perdoar aqueles que se voltam para Ele com um coração contrito, sereno, aberto e disponível.

O amor e a misericórdia em Maria Santíssima se fundem em um abraço que envolve toda a humanidade. Peçamos a Maria que nos ajude a abrir nossos corações ao amor de Deus, como ela fez, para que esse amor permeie nossos corações, especialmente quando nos sentimos mais necessitados, mais sob o peso das provações e das dificuldades. Em Maria, encontramos uma mãe muito terna e poderosa, pronta para nos acolher em seu amor e interceder por nossa salvação.

E nós, será que ainda conseguimos maravilhar-nos como uma criança diante do amor de mãe?

Oração de um filho distante

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de compaixão e conversão.

No silêncio, eu te reencontro.

Na oração, eu te escuto.

Na reflexão, eu te descubro.

E diante das tuas palavras de amor, Mãe, fico admirado e descubro a força da tua ligação com a humanidade.

Longe de ti, quem me dá a mão nos momentos de dificuldade?

Longe de ti, quem me conforta no meu pranto?

Longe de ti, quem me aconselha quando estou pegando o caminho errado?

Eu retorno a ti, na unidade.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

5º Dia

Ser Filhos – Confiança e oração

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está

sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.
E nós, somos capazes de vê-la?
Bem-aventurado quem vê com o coração.

A medalha de Catarina

A pequena Catarina Labouré

Na noite de 18 de julho de 1830, por volta das 23h30, ela ouviu chamarem o seu nome. Era um menino que lhe dizia: «Levanta-te e vem comigo». Catarina seguiu-o. Todas as luzes estavam acesas. A porta da capela abriu-se assim que o menino a tocou com a ponta dos dedos. Catarina ajoelhou-se.

À meia-noite, Nossa Senhora chegou, sentou-se na poltrona que havia ao lado do altar. «Então, pulei para perto dela, aos seus pés, nos degraus do altar, e coloquei minhas mãos sobre seus joelhos», contou Catarina. «Fiquei assim não sei por quanto tempo. Pareceu-me o momento mais doce da minha vida...». «Deus quer confiar-lhe uma missão», disse a Virgem a Catarina.

Catarina, órfã aos 9 anos, não se conformava em viver sem a mãe. E aproxima-se da Mãe do Céu. Nossa Senhora, que a observava de longe, jamais a abandonaria. Pelo contrário, tinha grandes projetos para ela. Ela, uma filha atenta e amorosa, teria uma grande missão: viver uma vida cristã autêntica, uma relação pessoal forte e sólido com Deus. Maria acredita no potencial da sua filha e confia-lhe a Medalha Milagrosa, capaz de interceder e alcançar graças e milagres. Uma missão importante, uma mensagem difícil.

Contudo, Catarina não desanima, confia em sua Mãezinha do Céu e sabe que jamais será abandonará por ela.

Maria, Mãe que dá confiança

Tu, que confias nos teus filhos e lhes entregas missões e mensagens,

acompanha-os no seu caminho com uma presença discreta, permanecendo ao lado de todos, mas sobretudo daqueles que viveram grandes dores.

A eles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Confia: a mãe sempre te confiará apenas tarefas que conseguirás realizar e estará ao teu lado por todo o caminho.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, confiança e oração

A Bem-Aventurada Virgem Maria se apresenta a nós como uma mulher de uma confiança inabalável, uma poderosa intercessora através da oração. Contemplando esses dois aspectos, confiança e oração, vemos duas dimensões fundamentais do relacionamento de Maria com Deus.

Podemos dizer que a confiança de Maria em Deus é como um fio de ouro que percorre toda a sua existência, do começo ao fim. Aquele “sim” pronunciado com a consciência das consequências, é um ato de abandono total à vontade divina. Maria confia; Maria vive a confiança em Deus com um coração firme na Divina Providência, sabendo que Deus nunca a abandonaria.

Para nós, em nossa vida quotidiana, olhar para Maria, com uma atitude proativa, não passiva, e confiante, é um convite, não para esquecer nossas ansiedades e medos, para olhar tudo à luz do amor de Deus, que no caso de Maria nunca faltou e não falta em nossas vidas. Essa confiança leva à oração, que podemos dizer que é como o sopro da alma de Maria, é o canal privilegiado de sua comunhão íntima com Deus. A confiança leva à comunhão; Maria que se abandona em Deus é um diálogo contínuo de amor entre ela e o Pai; uma oferta constante de si mesma, de suas preocupações, mas também de suas decisões.

A visita de Maria à sua prima Isabel é um exemplo de oração que se faz serviço. Vemos Maria acompanhando Jesus até a cruz. Após a ascensão, a vemos no cenáculo junto aos apóstolos em uma expectativa/esperança fervorosa. Maria nos ensina o valor da oração constante como consequência da confiança total e completa, abandonando-se nas mãos de Deus ... precisamente encontrar a Deus e viver com Deus.

Confiança e oração e Maria Santíssima estão intimamente interligadas. Uma profunda confiança em Deus que dá à luz, traz à tona uma oração perseverante. Peçamos a Maria que ela seja nosso exemplo de oração diária porque queremos nos sentir constantemente abandonados nas mãos misericordiosas de Deus.

Recorramos a ela com confiança filial para que, imitando-a, imitando sua confiança e perseverança na oração, possamos experimentar a paz que se sente somente quando nos abandonamos em Deus e possamos receber as graças necessárias para o nosso caminho de fé.

E nós, somos capazes de confiar de maneira incondicional como as crianças?

Oração de um filho desanimado

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de orar.

Não sou capaz de te escutar, abre os meus ouvidos.

Não sou capaz de te seguir, guia os meus passos.

Não sou capaz de ser fiel ao que me confiaste, fortalece a minha alma.

As tentações são muitas, faze que eu não ceda.

As dificuldades parecem insuperáveis, faze que eu não caia.

As contradições do mundo gritam alto, faze que eu não as siga.

Eu, teu filho arruinado, estou aqui para que te sirvas de mim, fazendo de mim um filho obediente.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

6º Dia

Ser Filhos – Sofrimento e cura

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se deixa ver.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora das dores de Kibeho

A pequena Afonsina Mumiremana e o seus companheiros

A história começou às 12h35 de um sábado, 28 de novembro de 1981, em um colégio administrado por freiras locais, frequentado por pouco mais de cem meninas da região. Um colégio rural, pobre, onde se aprendia a ser professora ou secretária.

O complexo não possuía Capela e, por isso, não havia um clima religioso particularmente intenso.

Naquele dia, todas as meninas do colégio estavam no refeitório.

A primeira do grupo a “ver” foi Afonsina Mumureke, de 16 anos. Segundo o que ela mesma escreveu em seu diário, estava servindo suas colegas à mesa, quando ouviu uma voz feminina que a chamava: “Minha filha, vem aqui”.

Ela foi ao corredor, ao lado do refeitório, e ali apareceu-lhe uma mulher de beleza incomparável.

Estava vestida de branco, com um véu branco na cabeça que escondia os cabelos, e que parecia unido ao resto do vestido, que não tinha costuras.

Estava descalça e suas mãos estavam juntas sobre o peito, com os dedos voltados para o céu.

Posteriormente, Nossa Senhora apareceu a outros companheiros de Afonsina que, a princípio céticos, tiveram que mudar de opinião diante da aparição de Maria. Maria, falando com Afonsina, apresenta-se como a Senhora das Dores de Kibeho e conta aos jovens todos os acontecimentos cruéis e sangrentos que ocorreriam logo em seguida, com a eclosão da guerra em Ruanda. **A dor será grande, mas também a consolação e a cura dessa dor, porque ela, a Senhora das Dores, nunca deixaria sozinhos os seus filhos da África.** Os jovens ficam ali, atônitos, diante das visões, mas acreditam nesta mãe que lhes estende os braços, chamando-os de “meus filhos”. Sabem que somente nela haverá consolação. E a fim de rezar para que a mãe consoladora aliviasse os sofrimentos de seus filhos, foi erguido o santuário dedicado a Nossa Senhora das Dores de

Kibeho, hoje um lugar marcado pelos extermínios e genocídios. E Nossa Senhora continua a estar ali e a abraçar todos os seus filhos.

Maria, Mãe que consola

Tu, que consolaste os teus filhos como João ao pé da cruz, dirigiste o olhar para aqueles que vivem no sofrimento. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Não tenhas medo de passar pelo sofrimento: a mãe que consola enxugará as tuas lágrimas.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, sofrimento e convite à conversão

Maria é uma figura emblemática de sofrimento que se transforma em um poderoso convite à conversão. Quando contemplamos o seu caminho doloroso, é um alerta, silencioso e ao mesmo tempo eloquente, e um profundo apelo a rever um pouco a nossa vida, as nossas escolhas, e o chamado a retornar ao “coração” do Evangelho. O sofrimento atravessa a vida de Maria como uma espada afiada, profetizado pelo velho Simeão, marcado pelo desaparecimento do Menino Jesus e a dor indizível aos pés da cruz. Maria vive tudo isso, o peso da fragilidade humana e o mistério da dor inocente, de uma forma única.

O sofrimento de Maria não foi um sofrimento estéril, uma resignação passiva, mas de alguma forma percebemos que há uma ação frutuosa, uma oferta silenciosa e corajosa, unida ao sacrifício redentor do seu filho Jesus.

Quando olhamos para Maria, a mulher que sofre, com os olhos da nossa fé, esse sofrimento ao invés de nos deprimir, revela-nos a profundidade do amor de Deus por nós. Maria, de alguma forma, nos ensina que mesmo na dor mais aguda podemos encontrar um sentido, uma possibilidade de crescimento espiritual, que se dá com a união ao Mistério Pascal.

Da experiência da dor transfigurada, emerge um poderoso

convite à conversão. Olhando e contemplando como Maria suportou o sofrimento por amor a nós e por nossa salvação, também nós somos chamados a não permanecermos indiferentes diante do mistério da redenção.

Maria, a mulher doce e materna nos impele a abandonar os caminhos do mal e abraçar o caminho da fé. A famosa frase de Maria nas bodas de Caná: “Fazei tudo o que Ele vos disser” ainda ressoa para nós hoje como um convite urgente a ouvir a voz de Jesus nos momentos de dificuldade, nos momentos de provação, nos momentos de situações inesperadas e desconhecidas.

Percebemos facilmente que o sofrimento de Maria não é um fim em si mesmo, mas está intimamente ligado à redenção realizada por Cristo. Que o seu exemplo de fé inabalável, mesmo na dor, seja para nós luz e guia para transformar o nosso sofrimento em oportunidade de crescimento espiritual e responder com generosidade ao urgente chamado à conversão. Que pela intercessão de Maria, o chamado de Deus que ressoa no mais profundo do coração de cada ser humano possa encontrar sentido, vazão, crescimento, mesmo nos momentos mais difíceis e mais dolorosos.

E nós, deixamo-nos consolar como as crianças?

Oração de um filho que sofre

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de se curar.

Quando estou no chão, mãe, estende-me a mão.

Quando me sinto destruído, mãe, junta os pedaços.

Quando o sofrimento toma conta, mãe, abre-me à esperança.

Para que eu não busque apenas a cura do corpo, mas perceba o quanto o meu coração

precisa de paz.

E do pó levanta-me, mãe.

Levanta-me e todos os teus filhos que estão em provação.

Os que estão sob as bombas,

os perseguidos,
os injustamente encarcerados,
os feridos em seus direitos e dignidade,
aqueles cujas vidas são ceifadas cedo demais.
Levanta-os e consola-os
porque são teus filhos. Porque somos teus filhos.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

7º Dia

Ser Filhos – Justiça e dignidade

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra. E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora Aparecida

Os pequenos pescadores Domingos, Filipe e João

Ao amanhecer de 12 de outubro de 1717, Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves empurraram o barco às águas do rio Paraíba que corria perto da sua aldeia. Não pareciam ter sorte naquela manhã: lançaram as redes por horas, sem nada pescar. Tinham quase decidido desistir, quando João Alves, o mais jovem, quis fazer uma última tentativa. Lançou então a rede nas águas do rio e puxou-a lentamente. Havia algo, mas não era um peixe... parecia mais um pedaço de madeira. Quando o libertou das malhas da rede, o pedaço de madeira revelou-se como uma estátua da Virgem Maria, infelizmente sem a cabeça. João lançou novamente a rede na água e desta vez, ao puxá-la, encontrou preso outro pedaço de madeira de forma arredondada que parecia ser a cabeça da mesma estátua: tentou juntar as duas peças e percebeu que se encaixavam perfeitamente. Como obedecendo a um impulso, João Alves lançou novamente a rede na água e, quando tentou puxá-la, viu que não conseguia, porque estava cheia de peixes. Os seus companheiros também lançaram as redes na água e a pesca daquele dia foi verdadeiramente

abundante.

A mãe vê as necessidades dos filhos; Maria viu as necessidades dos três pescadores e foi em socorro deles. Os filhos deram-lhe todo o amor e a dignidade que se pode dar a uma mãe: juntaram os dois pedaços da estátua, colocaram-na numa cabana e fizeram dela um santuário. Do alto da cabana, Nossa Senhora Aparecida – que quer dizer aquela que apareceu – salvou um filho seu, um escravo que fugia dos patrões: viu o seu sofrimento e devolveu-lhe a dignidade. E hoje, aquela cabana é o maior santuário mariano do mundo e traz o nome de Basílica de Nossa Senhora Aparecida.

Maria, Mãe que vê

Tu, que viste o sofrimento dos teus filhos maltratados, a começar pelos discípulos, te colocaste ao lado dos teus filhos mais pobres e perseguidos. Foi deles que te aproximaste, foi a eles que te manifestaste.

Não te escondas do olhar da mãe: ela enxerga até os teus desejos e necessidades mais secretos.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, dignidade e justiça social

A Bem-Aventurada Virgem Maria é um espelho da dignidade humana plenamente realizada, silenciosa, mas poderosa e inspiradora para um correto sentido da experiência social. Refletir sobre a figura de Maria em relação a esses temas revela uma perspectiva profunda e surpreendentemente atual.

Olhemos para Maria, a mulher plena de dignidade, como um dom que, para nós hoje, nos ajuda a olhar para a sua pureza original, que não a coloca num pedestal inacessível, mas a revela na plenitude daquela dignidade pela qual todos nos sentimos um pouco atraídos, chamados.

Contemplando Maria, vemos brilhar a beleza e a nobreza precisamente da dignidade do ser humano, criado à imagem e

semelhança de Deus, livre do jugo do pecado, plenamente aberto ao amor divino, uma humanidade que não se perde nos detalhes, nas coisas superficiais.

Podemos dizer que o “sim” livre e consciente de Maria é aquele gesto de autodeterminação que a eleva ao nível da vontade de Deus, que entra de alguma forma na lógica de Deus. Sua humildade a torna ainda mais livre, longe de ser diminuída pela humildade. A humildade de Maria se torna a consciência da verdadeira grandeza que vem de Deus.

Essa dignidade de Maria nos ajuda a olhar como nós estamos vivendo a nossa dignidade no cotidiano. O tema da justiça social pode parecer menos explícito, mas a partir de uma leitura contemplativa e atenta do Evangelho, especialmente do Magnificat, somos capazes de captar, sentir e encontrar aquele espírito revolucionário que proclama a derrubada dos poderosos de seus tronos e a elevação dos humildes, isto é, a derrubada da lógica mundana e a atenção privilegiada de Deus para com os pobres e os famintos.

Palavras que fluem de um coração humilde, cheio do Espírito Santo. Podemos dizer que são um manifesto de justiça social “ante litteram”, uma antecipação do Reino de Deus, onde os últimos serão os primeiros.

Contemplemos Maria para que nos sintamos atraídos por esta dignidade que não se limita a fechar-se em si mesma, mas é uma dignidade que no Magnificat nos desafia a não permanecer fechados na nossa lógica, mas a abrir-nos, louvando a Deus, procurando viver o dom recebido para o bem da humanidade, com dignidade para o bem dos pobres, para o bem daqueles que são os descartados da sociedade.

E nós, nos escondemos ou dizemos tudo, como fazem as crianças?

Oração de um filho que tem medo

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de restituir dignidade.

Na hora da provação, olha para as minhas falhas e preenche-as.

Na hora do cansaço, olha para as minhas fraquezas e cura-as.

Na hora da espera, olha para as minhas impaciências e cuida delas.

Para que eu, olhando para os meus irmãos, possa olhar para as suas falhas e preenchê-las,

ver as suas fraquezas e curá-las, sentir as suas impaciências e cuidar delas.

Porque nada cura como o amor e ninguém é forte como a mãe que busca justiça para seus filhos.

Então, também eu, Mãe, detenho-me aos pés da cabana, olho com olhos confiantes para a tua imagem e peço-te pela dignidade de todos os teus filhos.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

8º Dia

Ser Filhos – Doçura e quotidianidade

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa senhora de Banneaux

A pequena Marieta de Banneaux

No dia 18 de janeiro, Marieta está no jardim, rezando o terço. Maria aparece e leva-a até uma pequena nascente à beira da floresta, dizendo: «Esta nascente é minha», e convida a menina a mergulhar a mão e o terço na água. O pai e mais duas pessoas acompanharam, com indescritível espanto, todos os gestos e palavras de Marieta. Naquela mesma noite, o primeiro a ser tocado pela graça de Banneaux foi justamente o pai de Marieta, que correu para se confessar e receber a Eucaristia: ele não se confessava desde a Primeira Comunhão.

No dia 19 de janeiro, Marieta pergunta: «Senhora, quem és?».

«Sou a Virgem dos pobres».

À nascente, acrescenta: «Esta nascente é minha, para todas as nações, para os doentes. Venho consolá-los!».

Marieta é uma garota comum que vive os seus dias como todos nós, como os nossos filhos, os nossos netos. A sua vila é pequena e desconhecida. Ela reza para permanecer próxima de Deus. Reza para a sua mãe celeste manter viva a sua ligação com ela. **E Maria fala-lhe com doçura, num lugar que lhe é familiar.** Aparecerá para ela várias vezes, a ela confiará segredos e dirá para rezar pela conversão do mundo: para Marieta, essa é uma mensagem forte de esperança. Todos os filhos são abraçados e consolados pela Mãe, toda a doçura que Marieta encontra na “Senhora gentil” ela transmite ao mundo. E desse encontro nasce uma grande corrente de amor e espiritualidade que encontra o seu cumprimento no santuário de Nossa Senhora de Banneaux.

Maria, Mãe que permanece ao lado

Tu, que permaneceste ao lado dos teus filhos, sem nunca perder nenhum deles, iluminaste o caminho de todos os dias dos mais humildes. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Abandonados no abraço de Maria: não temas, ela vai consolar-te.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, educação e amor

A Bem-Aventurada Virgem Maria é uma mestra de educação incomparável, porque é uma fonte inesgotável de amor e quem ama educa; educa verdadeiramente quem ama.

Refletindo sobre a figura de Maria em relação a esses dois pilares do crescimento humano e espiritual, temos aqui um exemplo a contemplar, a levar a sério, a adotar em nossas escolhas diárias.

A educação que emana de Maria não se faz de preceitos, de

ensinamentos formais, mas se manifesta através de seu exemplo de vida. Um silêncio contemplativo que fala; sua obediência à vontade de Deus, humilde e grande ao mesmo tempo; sua profunda humanidade.

O primeiro aspecto educativo que Maria nos comunica é o da escuta.

Escuta da Palavra de Deus, escuta daquele Deus que está continuamente presente para nos ajudar, para nos acompanhar. Maria guarda em seu coração, medita com cuidado, promove a escuta atenta da Palavra de Deus e, da mesma forma, das necessidades dos outros. Maria nos educa àquela humildade que não escolhe permanecer distante e passiva, mas sim para aquela humildade que, ao mesmo tempo em que reconhecemos nossa pequenez diante da grandeza de Deus, nos colocamos como protagonistas a seu serviço. Nosso coração está aberto para sermos verdadeiramente aqueles que acompanhamos, vivemos o projeto que Deus tem para nós.

Maria é um exemplo que nos ajuda a nos deixarmos educar pela fé; ela nos educa para a perseverança, permanecendo firmes no amor a Jesus, até o pé da cruz.

Educação e amor. O amor de Maria é o coração pulsante de sua existência, continua sendo para nós; cada vez que nos aproximamos de Maria sentimos esse amor materno que se estende a todos nós. É um amor por Jesus que se torna amor pela humanidade. O coração de Maria que se abre com aquela ternura infinita que ela recebe de Deus, que ela comunica a Jesus, aos seus filhos espirituais.

Peçamos ao Senhor que, contemplando o amor de Maria, que é um amor que educa, sejamos impelidos a superar o nosso egoísmo, os nossos fechamentos e a abrir-nos aos outros. Em Maria, vemos uma mulher que educa com amor e que ama com um amor que é educativo. Peçamos ao Senhor que nos dê o dom de um amor, que é o dom do Seu amor, que por sua vez é um amor que nos purifica, nos sustenta, nos faz crescer, para que o nosso exemplo seja verdadeiramente um exemplo que comunica amor e,

comunicando amor, possamos deixar-nos educar por ela e que ela nos ajude, para que o nosso exemplo também eduque os outros.

E nós, somos capazes de nos entregar como fazem as crianças?

Oração de um filho dos nossos dias

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...

torna o meu coração manso e dócil.

Quem vai reconstruir-me, depois de quebrar-me sob o peso das cruces que carrego?

Quem vai trazer luz aos meus olhos, depois de ver os escombros da crueldade humana?

Quem vai aliviar o sofrimento da minha alma, depois dos erros que cometi no meu caminho?

Só tu, minha mãe, podes consolar-me.

Abraça-me e permanece comigo para evitar que eu me quebre em mil pedaços.

Minha alma descansa em ti e encontra paz como uma criança nos braços da mãe.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

9º Dia

Ser Filhos – Construção e sonho

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Maria Auxiliadora

O pequeno Joãozinho Bosco

Quando eu tinha 9 anos, tive um sonho que ficou profundamente gravado na minha mente para toda a vida. No sonho, parecia estar perto de casa, em um pátio muito espaçoso, onde uma multidão de crianças estava reunida, brincando. Algumas riam, outras jogavam, e não poucas blasfemavam. Ao ouvir aquelas

blasfêmias, imediatamente me lancei no meio delas, usando golpes e palavras para fazê-las calar. Naquele momento, apareceu um homem venerando, de idade viril, vestido nobremente.

– Não com golpes, mas com mansidão e caridade deves conquistar esses teus amigos.

– Quem és tu, perguntei, que me ordenas algo impossível?

– Justamente porque essas coisas te parecem impossíveis, deves torná-las possíveis com obediência e com a aquisição da ciência.

– Onde, e por quais meios, poderei adquirir a ciência?

– Eu te darei a mestra sob cuja disciplina podes tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se torna tolice.

Naquele momento, vi ao lado dele uma mulher de aspecto majestoso, vestida com um manto que brilhava por todos os lados, como se cada ponto dele fosse uma estrela muito brilhante.

– Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte e robusto: e o que agora vês acontecer com esses animais, tu deverás fazer pelos meus filhos.

Então voltei o olhar e, em vez de animais ferozes, apareceram muitos cordeiros mansos, que, pulando, corriam ao redor balindo, como para festejar aquele homem e aquela senhora. Nesse ponto, ainda no sonho, comecei a chorar e pedi para que falasse de modo que eu pudesse entender, pois eu não sabia o que aquilo queria significar. Então ela colocou a mão sobre minha cabeça dizendo:

– A seu tempo, tudo compreenderás.

Maria guia e acompanha Joãozinho Bosco ao longo da sua vida e missão. Ele, ainda criança, descobre a sua vocação através de um sonho. Não entenderá, mas se deixará guiar. Não compreenderá por muitos anos, mas no final estará consciente de que “foi ela que tudo fez” E a mãe, tanto a terrena quanto a celeste, será a figura central na vida desse filho que se fará pão para os seus filhos. E, depois de encontrar Maria em seus sonhos, João Bosco, já sacerdote, erguerá um santuário a

Nossa Senhora para que todos os seus filhos possam entregar-se a ela. Será dedicado a Maria Auxiliadora, porque ela foi o seu porto seguro, a sua ajuda constante. Assim, todos que entram na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim são acolhidos sob o manto protetor de Maria, que se torna sua guia.

Maria, Mãe que acompanha / que guia

Tu, que acompanhaste o teu filho Jesus em todo o seu caminho, te propuseste como guia para aqueles que souberam ouvir-te com o entusiasmo que só as crianças sabem ter. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Deixe-se acompanhar: a Mãe estará sempre ao teu lado para indicar-te o caminho.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, auxílio na conversão

A Bem-Aventurada Virgem Maria é uma ajuda poderosa e silenciosa em nossa jornada de crescimento. É uma jornada que precisa se libertar continuamente daquilo que a impede de crescer. É uma jornada que deve se renovar continuamente, não para retroceder ou se deter em cantos escuros de sua existência. Eis aí a conversão.

A presença de Maria é um farol de esperança, é um convite constante para continuarmos caminhando em direção a Deus, para ajudar nosso coração a estar continuamente focado em Deus, em Seu amor. Refletir sobre Maria, sobre seu papel, significa descobrir uma Maria que não impõe, que não julga, mas que apoia e encoraja, com sua humildade, com seu amor materno; ajuda nosso coração a permanecer próximo dela para nos aproximarmos cada vez mais de seu filho Jesus, que é o caminho, a verdade e a vida.

Este “sim” de Maria na anunciação continua válido também para nós, que abre à humanidade a história da salvação que é alcançável e acessível. Sua intercessão nas Bodas de Caná ampara aqueles que se encontram em situações inesperadas,

inéditas. Maria é um modelo de conversão contínua. Sua vida, uma vida de Imaculada, foi, no entanto, uma adesão progressiva à vontade de Deus, um caminho de fé que a conduziu por alegrias e tristezas, culminando no sacrifício do Calvário.

A perseverança de Maria em seguir Jesus torna-se um convite para nós, para que também possamos experimentar essa proximidade contínua, essa transformação interior, que sabemos bem ser um processo gradual, mas que requer perseverança, humildade e confiança na graça de Deus.

Maria auxilia na conversão por meio de uma escuta muito atenta e focada da Palavra de Deus. Uma escuta que nos ajuda a encontrar a força para abandonar os caminhos do pecado, porque reconhecemos a força, a beleza de caminhar em direção a Deus. Dirijamo-nos a Maria com confiança filial, porque isso significa que nós, ao mesmo tempo que reconhecemos nossas fragilidades, nossos pecados, nossos defeitos, queremos fomentar esses desejos de mudança. Uma mudança de coração que quer ser acompanhada pelo coração materno de Maria. Em Maria encontramos essa preciosa ajuda para discernir as falsas promessas do mundo e redescobrir a beleza e a verdade do Evangelho. Que Maria, auxílio dos cristãos, seja para todos nós uma ajuda contínua para descobrir a beleza do Evangelho, para aceitar caminhar em direção à bondade e à grandeza da Palavra de Deus viva nos corações e para poder comunicá-la aos outros.

E nós, somos capazes de deixar-nos pegar pela mão como as crianças?

Oração de um filho entorpecido

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...

faz com que o meu coração seja capaz de sonhar e construir.

Eu, que não deixo ninguém me ajudar.

Eu, que desanimo, perco a paciência e nunca acredito ter construído algo.

Eu, que sempre penso ser um fracasso.

Hoje quero ser filho, aquele filho capaz de te dar a mão,
minha Mãe,
para ser acompanhado pelos caminhos da vida.
Mostra-me meu campo,
mostra-me meu sonho
e faz com que, no final, eu também possa compreender tudo e
reconhecer a tua passagem
pela minha vida.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Ainda é necessário confessar-se?

O Sacramento da Confissão, frequentemente negligenciado na agitação contemporânea, continua sendo para a Igreja Católica uma fonte insubstituível de graça e renovação interior. Convidamos a redescobrir seu significado original: não um rito formal, mas um encontro pessoal com a misericórdia de Deus, instituído pelo próprio Cristo e confiado ao ministério da Igreja. Em uma época que relativiza o pecado, a Confissão se revela como bússola para a consciência, remédio para a alma e porta aberta para a paz do coração.

O Sacramento da Confissão: uma necessidade para a alma

Na tradição católica, o Sacramento da Confissão – também chamado Sacramento da Reconciliação ou da Penitência – ocupa um lugar central no caminho da fé. Não se trata de um simples ato formal ou de uma prática reservada a poucos fiéis particularmente devotos, mas de uma necessidade profunda que envolve todo cristão, chamado a viver na graça de Deus. Num

tempo que tende a relativizar a noção de pecado, redescobrir a beleza e a força libertadora da Confissão é fundamental para responder plenamente ao amor de Deus.

O próprio Jesus Cristo instituiu o Sacramento da Confissão. Após sua Ressurreição, Ele apareceu aos Apóstolos e disse: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, lhes serão retidos” (Jo 20,22-23). Essas palavras não são simbólicas: estabelecem um poder real e concreto confiado aos Apóstolos e, por sucessão, aos seus sucessores, os bispos e presbíteros.

O perdão dos pecados, portanto, não acontece apenas entre o homem e Deus de forma privada, mas também passa pelo ministério da Igreja. Deus, em seu plano de salvação, quis que a confissão pessoal diante de um sacerdote fosse o meio ordinário para receber Seu perdão.

A realidade do pecado

Para compreender a necessidade da Confissão, é preciso primeiro tomar consciência da realidade do pecado.

São Paulo afirma: “Todos pecaram e estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23). E: “Se dissermos que não temos pecado, estamos enganando a nós mesmos, e a verdade não está em nós” (1Jo 1,8).

Ninguém pode se dizer imune ao pecado, nem mesmo após o Batismo, que nos purificou da culpa original. Nossa natureza humana, ferida pela concupiscência, nos leva continuamente a cair, a trair o amor de Deus com atos, palavras, omissões e pensamentos.

Escreve Santo Agostinho: “É verdade: a natureza do homem foi criada originalmente sem culpa e sem nenhum vício; ao contrário, a natureza atual do homem, pela qual cada um nasce de Adão, já precisa do Médico, porque não está saudável. Certamente, todos os bens que têm em sua estrutura, na vida, nos sentidos e na mente, os recebe do sumo Deus, seu criador e artífice. O vício, porém, que obscurece e enfraquece esses bens naturais, tornando a natureza humana necessitada de

iluminação e cuidado, não o tirou de seu irrepreensível artífice, mas do pecado original cometido com o livre arbítrio.” (*A natureza e a graça*).

Negar a existência do pecado equivale a negar a verdade sobre nós mesmos. Só reconhecendo nossa necessidade de perdão podemos nos abrir à misericórdia de Deus, que nunca se cansa de nos chamar para Si.

A Confissão: encontro com a Misericórdia Divina

O Sacramento da Confissão é, antes de tudo, um encontro pessoal com a Misericórdia divina. Não é simplesmente uma autoacusação ou uma sessão de autoanálise; é um ato de amor por parte de Deus que, como o pai na parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32), corre ao encontro do filho arrependido, o abraça e o reveste de nova dignidade.

O Catecismo da Igreja Católica afirma: “*Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja que feriram pecando, e a qual colabora para sua conversão com caridade, exemplo e orações.*” (CIC, 1422).

Confessar-se é deixar-se amar, curar e renovar. É acolher o dom de um coração novo.

Por que confessar-se a um sacerdote?

Uma das objeções mais comuns é: “Por que devo confessar-me a um sacerdote? Não posso confessar-me diretamente a Deus?” Certamente, todo fiel pode – e deve – dirigir-se diretamente a Deus com a oração de arrependimento. Contudo, Jesus estabeleceu um meio concreto, visível e sacramental para o perdão: a confissão a um ministro ordenado. E isso vale para todo cristão, ou seja, também para sacerdotes, bispos e papas.

O sacerdote age *in persona Christi*, isto é, na pessoa de Cristo mesmo. Ele escuta, julga, absolve e oferece conselhos espirituais. Não se trata de uma mediação humana que limita o

amor de Deus, mas de uma garantia oferecida pelo próprio Cristo: o perdão é comunicado visivelmente, e o fiel pode ter certeza disso.

Além disso, confessar-se diante de um sacerdote exige humildade, uma virtude indispensável para o crescimento espiritual. Reconhecer abertamente suas culpas nos liberta do jugo do orgulho e nos abre à verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

Não basta confessar-se apenas uma vez por ano, como exige o mínimo da lei eclesial. Os santos e mestres de espiritualidade sempre recomendaram a confissão frequente – até quinzenal ou semanal – como meio de progresso na vida cristã.

São João Paulo II se confessava toda semana. Santa Teresa de Lisieux, embora fosse monja carmelita e vivesse em clausura, confessava-se regularmente. A confissão frequente permite afinar a consciência, corrigir defeitos enraizados e receber novas graças.

Obstáculos à confissão

Infelizmente, muitos fiéis hoje negligenciam o Sacramento da Reconciliação. Entre os principais motivos estão:

Vergonha: medo do julgamento do sacerdote. Mas o sacerdote não está ali para condenar, e sim para ser instrumento de misericórdia.

Medo de que os pecados confessados venham a ser divulgados: os sacerdotes confessores não podem revelar a ninguém, em nenhuma circunstância (incluindo as maiores autoridades eclesiais), os pecados ouvidos na confissão, nem mesmo que percam a própria vida. Se o fizerem, incorrem imediatamente na *excomunhão latae sententiae* – isto é, automática, por força da própria lei – (cânon 1386, Código de Direito Canônico). A inviolabilidade do sigilo sacramental não admite exceções nem dispensas. E as condições são as mesmas mesmo que a Confissão

não tenha terminado com a absolvição sacramental. Mesmo após a morte do penitente, o confessor é obrigado a observar o sigilo sacramental.

Falta de sentido do pecado: em uma cultura que minimiza o mal, corre-se o risco de não reconhecer mais a gravidade das próprias culpas.

Preguiça espiritual: adiar a Confissão é uma tentação comum que leva a esfriar o relacionamento com Deus.

Convicções teológicas erradas: alguns acreditam erroneamente que basta “arrepender-se no coração” sem necessidade da Confissão sacramental.

O desespero da salvação: alguns pensam que para eles não haverá mais perdão. Diz Santo Agostinho: “Alguns, depois de caírem no pecado, se perdem ainda mais pelo desespero e não só negligenciam o remédio do arrependimento, mas se tornam escravos de luxúrias e desejos desregrados para satisfazer apetites desonestos e reprováveis, como se, ao não o fazer, perdessem até aquilo a que a luxúria os incita, convencidos de já estarem à beira da condenação certa. Contra essa doença extremamente perigosa e prejudicial, ajuda a lembrança dos pecados em que caíram também os justos e os santos.” (*ibid.*)

Para superar esses obstáculos, é preciso pedir conselhos a quem pode dá-los, instruir-se e rezar.

Preparar-se bem para a confissão

Uma boa confissão requer uma preparação adequada, que inclui:

1. Exame de consciência: refletir sinceramente sobre os próprios pecados, ajudando-se também com listas baseadas nos Dez Mandamentos, nos pecados capitais ou nas Bem-aventuranças.

2. Contrição: dor sincera por ter ofendido a Deus, não apenas medo da punição.

3. Propósito de emendar-se: desejo real de mudar de vida, de

evitar o pecado futuro.

4. Confissão integral dos pecados: confessar todos os pecados mortais de forma completa, especificando a natureza e o número (se possível).

5. Penitência: aceitar e cumprir a obra reparadora proposta pelo confessor.

Os efeitos da Confissão

Confessar-se não produz apenas o cancelamento externo do pecado. Os efeitos interiores são profundos e transformadores:

Reconciliação com Deus: O pecado rompe a comunhão com Deus; a Confissão a restabelece, trazendo-nos de volta à plena amizade divina.

Paz e serenidade interior: Receber a absolvição traz uma paz profunda. A consciência é libertada do peso da culpa e experimenta uma nova alegria.

Força espiritual: Por meio da graça sacramental, o penitente recebe uma força especial para combater as tentações futuras e crescer nas virtudes.

Reconciliação com a Igreja: Como todo pecado também prejudica o Corpo Místico de Cristo, a Confissão recompõe também nosso vínculo com a comunidade eclesial.

A vitalidade espiritual da Igreja depende também da renovação pessoal de seus membros. Os cristãos que redescobrem o Sacramento da Confissão tornam-se, quase sem perceber, mais abertos ao próximo, mais missionários, mais capazes de irradiar a luz do Evangelho no mundo.

Só quem experimentou o perdão de Deus pode anunciá-lo com convicção aos outros.

O Sacramento da Confissão é um dom imenso e insubstituível. É o caminho ordinário pelo qual o cristão pode voltar a Deus sempre que se afasta. Não é um peso, mas um privilégio; não

uma humilhação, mas uma libertação.

Somos chamados, portanto, a redescobrir este Sacramento em sua verdade e beleza, a praticá-lo com coração aberto e confiante, e a oferecê-lo com alegria também àqueles que se afastaram. Como afirma o salmista: “Feliz aquele cuja culpa foi cancelada e cujo pecado foi perdoado” (Sl 32,1).

Hoje, mais do que nunca, o mundo precisa de almas purificadas e reconciliadas, capazes de testemunhar que a misericórdia de Deus é mais forte que o pecado. Se não o fizemos na Páscoa, aproveitemos o mês mariano de maio e aproximemo-nos sem medo da Confissão: lá nos espera o sorriso de um Pai que nunca deixa de nos amar.

Finalmente na Patagônia!

Entre 1877 e 1880, ocorre a virada missionária salesiana rumo à Patagônia. Após a oferta da paróquia de Carhué em 12 de maio de 1877, dom Bosco sonha com a evangelização das terras austrais, mas dom Cagliero o aconselha a ter cautela diante das dificuldades culturais. As tentativas iniciais sofrem atrasos, enquanto a “campanha do deserto” do general Roca (1879) redefine os equilíbrios com os índios. Em 15 de agosto de 1879, o arcebispo Aneiros confia aos salesianos a missão patagônica: «Finalmente chegou o momento em que posso oferecer a vocês a Missão da Patagônia, pela qual seu coração tanto suspirou». Em 15 de janeiro de 1880, parte o primeiro grupo liderado por dom Giuseppe Fagnano, inaugurando a epopeia salesiana no sul da Argentina.

O que fez Dom Bosco e o P. Cagliero suspenderem, ao menos temporariamente, qualquer projeto missionário na Ásia foi a notícia de 12 de maio de 1877: o arcebispo de Buenos

Aires havia oferecido aos salesianos a missão de Caruhé (sudeste da Província de Buenos Aires), lugar de guarnição e de fronteira entre numerosas tribos de indígenas do vasto deserto dos Pampas e a Província de Buenos Aires.

Abriam-se assim aos salesianos, pela primeira vez, as portas da Patagônia: Dom Bosco ficou muito entusiasmado; mas o P. Cagliero imediatamente esfriou seu entusiasmo: “Repito-lhe, porém, que em relação à Patagônia não se deve correr com excesso de velocidade, nem ir para lá a vapor, porque os salesianos ainda não estão preparados para esse empreendimento [...] muito foi publicado e pudemos fazer muito pouco em relação aos índios. Não se pode desconhecer esta empresa, que é fácil de idealizar, mas difícil de realizar. Faz muito pouco tempo que chegamos aqui. Devemos sim trabalhar com zelo e atividade para esse fim, mas sem fazer alarde, para não despertar a admiração dessa gente daqui, por quereremos aspirar nós, que chegamos ontem, à conquista de um país que ainda não conhecemos e cuja língua nem sequer sabemos”.

Como a opção de Carmen de Patagónes não estava mais disponível, com a paróquia confiada pelo arcebispo a um padre lazarista, os salesianos ficaram com a paróquia mais ao norte de Carhué e a paróquia mais ao sul de Santa Cruz, para a qual o P. Cagliero obteve uma passagem marítima na primavera, o que lhe teria atrasado em seis meses o seu planejado retorno à Itália.

A decisão de quem deveria “entrar por primeiro na Patagônia” foi, portanto, deixada para Dom Bosco, que pretendia oferecer-lhe essa honra. Mas antes mesmo de saber, o P. Cagliero decidiu voltar: “A Patagônia está me esperando, os de Dolores, Carhué, Chaco estão nos pedindo, e eu vou agradecer a todos eles fugindo!” (8 de julho de 1877). Retornou para participar do 1º Capítulo Geral da Sociedade Salesiana, a ser realizado em Lanzo Torinese, em setembro. Entre outras coisas, era sempre membro do Capítulo Superior da Congregação, onde ocupou o importante cargo de Catequista Geral (era o terceiro na Congregação, depois de Dom Bosco e do P. Rua).

O ano de 1877 se encerrou com a terceira expedição

de 26 missionários liderados pelo P. Tiago Costamagna e com o novo pedido de Dom Bosco à Santa Sé para uma Prefeitura em Carhué e um Vicariato em Santa Cruz. No entanto, para dizer a verdade, durante todo o ano, a evangelização direta dos salesianos fora da cidade havia se limitado à breve experiência do P. Cagliero e do clérigo Evásio Rabagliati na colônia italiana de Vila Liberdade em Entre Ríos (abril de 1877), nos limites da Diocese de Paraná, e a algumas excursões ao acampamento pampeano dos salesianos no Paraná, em San Nicolás de los Arroyos.

O sonho se realiza (1880)

Em maio de 1878, a primeira tentativa de chegar a Carhué, feita pelo P. Costamagna e pelo clérigo Rabagliati, fracassou por causa de uma tempestade no oceano. Mas, nesse meio tempo, Dom Bosco já havia retornado à carga com o novo Prefeito da Propaganda Fide, Cardeal João Simeoni, propondo um Vicariato ou Prefeitura com sede em Carmen, como o próprio P. Fagnano havia sugerido, que ele via como um ponto estratégico para chegar aos nativos.

No ano seguinte (1879), justamente quando o plano de entrada dos salesianos no Paraguai estava sendo abandonado, as portas da Patagônia finalmente se abriram para eles. De fato, em abril, o general Júlio A. Roca iniciou a famosa “campanha do deserto” com o objetivo de subjugar os índios e obter segurança interna, impelindo-os para além dos rios Negro e Neuquén. Foi o “golpe de misericórdia” para seu extermínio, após os inúmeros massacres do ano anterior.

O vigário geral de Buenos Aires, Dom Espinosa, como capelão de um forte exército de seis mil homens, foi acompanhado pelo clérigo argentino Luís Botta e pelo P. Costamagna. O futuro bispo percebeu logo a ambiguidade da posição deles, escreveu imediatamente a Dom Bosco, mas não viu outra maneira de abrir o caminho para a Patagônia aos missionários salesianos. E, de fato, assim que o governo pediu ao arcebispo que estabelecesse algumas missões nas margens do Rio Negro e na Patagônia, pensou-se imediatamente nos

salesianos.

Os salesianos, por sua vez, tinham a intenção de pedir ao governo uma concessão de dez anos de um território administrado por eles para construir, com materiais pagos pelo governo e com a mão de obra dos índios, os edifícios necessários para uma espécie de redução naquele território: os indígenas teriam evitado a contaminação dos colonos cristãos “corruptos e perversos” e os missionários plantariam ali a cruz de Cristo e a bandeira argentina. Mas o inspetor salesiano, P. Francisco Bodrato, não se sentia em condições de decidir por conta própria, e o P. Lasagna o desaconselhou em maio, alegando que o governo de Avellaneda estava no fim de seu mandato e não estava interessado no problema religioso. Portanto, era melhor preservar a independência e a liberdade de ação dos salesianos.

Em 15 de agosto de 1879, Dom Aneiros ofereceu formalmente a Dom Bosco a missão da Patagônia: “Chegou finalmente o momento em que posso oferecer-lhe a Missão da Patagônia, pela qual o seu coração tanto ansiava, bem como o cuidado das almas entre os patagônios, que pode servir de centro para a missão”.

Dom Bosco aceitou-a de imediato e de bom grado, mesmo que ainda não fosse o tão desejado consentimento para a ereção de circunscrições eclesiásticas autônomas em relação à Arquidiocese de Buenos Aires, uma realidade constantemente recusada pelo Ordinário diocesano.

A partida

O grupo de missionários partiu para a tão sonhada Patagônia no dia 15 de janeiro de 1880: era formado pelo P. José Fagnano, diretor da Missão e pároco em Carmen de Patagónes (o padre lazarista havia se retirado), dois sacerdotes, um dos quais era responsável pela paróquia de Viedma, na outra margem do Rio Negro, um leigo salesiano (coadjutor) e quatro religiosas. Em dezembro, o P. Domingos Milanesio chegou para ajudar e, alguns meses depois, o P. José Beauvoir chegou com outro noviço coadjutor. A epopeia

missionária salesiana na Patagônia estava começando.

Presentes dos jovens a Maria (1865)

No sonho narrado por Dom Bosco na Crônica do Oratório, datado de 30 de maio, a devoção mariana converte-se num vívido juízo simbólico sobre os jovens do Oratório: um cortejo de jovens apresenta-se, cada qual com um dom, diante de um altar esplendidamente adornado para a Virgem. Um anjo, guardião da comunidade, acolhe ou rejeita as oferendas, desvendando-lhes o significado moral – flores perfumadas ou murchas, espinhos de desobediência, animais que personificam vícios graves como a impureza, o roubo e o escândalo. No âmago da visão, ecoa a mensagem educativa de Dom Bosco: humildade, obediência e castidade são os três pilares para se merecer a coroa de rosas de Maria.

O Servo de Deus se consolava com a devoção a Maria Santíssima, honrada no mês de maio pela comunidade inteira de maneira especial. De suas pequenas falas à noite, a Crônica tem-nos conservado somente aquela do dia 30 do mês, que, entretanto, é de enorme preciosidade.

30 de maio

Vi um grande altar dedicado a Maria, magnificamente decorado. Vi todos os jovens do Oratório, que em procissão se dirigiam para ele. Cantavam os louvores à Virgem Celeste, mas nem todos do mesmo modo, ainda que cantassem o mesmo hino. Muitos cantavam verdadeiramente bem e com precisão de ritmo, alguns mais forte outros mais suave.

Outros cantavam com vozes péssimas e roucas. Uns destoavam. Havia os que avançavam silenciosos e saíam da fila. Uns bocejavam e pareciam enjoados; uns se empurravam e riam entre si. Todos também levavam seus presentes para oferecer a Maria. Todos tinham um ramalhete de flores, uns grandes e outros menores, diferentes um do outro. Quem tinha rosas, quem cravos, outro, violetas etc. Alguns levavam à Virgem presentes de fato estranhos: um a cabeça de um porco, outro um gato, quem um prato de sapos, quem um coelho, outro um cordeiro e outras ofertas.

Um belo jovem estava na frente do altar, o qual, se observado com atenção se via que tinha asas nas costas. Talvez fosse o Anjo da Guarda do Oratório. À medida que os jovens chegavam, ele pegava as ofertas e as colocava sobre o altar.

Os primeiros ofereceram magníficos buquês de flores; o anjo, sem nada dizer, os colocou no altar. Muitos outros trouxeram seus ramalhetes. O anjo os olhou, mandou desmanchar o ramalhete, fez tirar algumas flores que estavam estragadas, jogando-as fora e, refeito o ramalhete, o colocou sobre o altar. A outros que tinham flores bonitas, mas sem aroma, como seriam as dalias, as camélias etc., o anjo as fez jogar fora, pois Maria quer a realidade e não as aparências. E assim, refeito o ramalhete, o anjo o ofereceu à Virgem. Dentre as flores, muitas tinham espinhos, poucos ou muitos. Outras tinham pregos, e o anjo retirou estes e aqueles.

Chegou, então, aquele trazia o porco, e o anjo lhe disse: – Tem coragem de oferecer a Maria este presente? Sabe o que significa o porco? Significa o vício feio da impureza. Maria que é toda pura não pode aceitar este dom. Retire-se, portanto, pois você não é digno de ficar na frente dela.

Aproximaram-se os que tinham um gato. O anjo lhes disse: – Vocês também ousam trazer a Maria estes presentes? Sabem o que significa o gato? Simboliza o roubo, e vocês o oferecem à Virgem? São ladrões os que pegam dinheiro, coisas, livros dos companheiros; os que roubam comida do Oratório; que estragam as roupas por despeito, e desperdiçam o dinheiro dos

pais porque não estudam. – E fez que estes também se retirassem à parte.

Vieram os que tinham os pratos com sapos, e o anjo, indignado, disse: – Os sapos significam os vergonhosos pecados de escândalo, e vocês vêm para oferecê-los à Vigem? Voltem; retirem-se com os outros indignos. – Retiraram-se confusos.

Alguns vinham com um punhal cravado no coração. Este punhal significava os sacrilégios. O anjo lhes disse: – Vocês não percebem que estão com a morte na alma? Que se estão com vida, é por misericórdia especial de Deus? De outra maneira estariam perdidos. Por favor, façam arrancar esse punhal! – E estes também foram rejeitados.

Aos poucos todos os jovens se aproximaram. Há quem ofereceu cordeiros, coelhos, peixes, nozes, uva etc., etc. O anjo aceitou tudo e tudo colocou sobre o altar. E, após ter separados os jovens bons dos maus, mandou todos, dos quais foram aceitos os presentes a Maria, fazerem fila diante do altar. Os que tinham sido postos à parte, foram, para minha dor, muito mais numerosos do que acreditava.

Apareceram, então, de um e de outro lado do altar, outros dois anjos. Seguravam duas riquíssimas cestas cheias de coroas feitas de rosas estupendas. Essas rosas não eram propriamente rosas da terra, mas sim, eram como que artificiais, símbolos da imortalidade.

E o Anjo da Guarda pegou uma por uma daquelas coroas, e coroou todos os jovens que estavam enfileirados diante do altar. Entre as coroas havia umas maiores e outras menores, mas todas de admirável beleza. Notem que não estavam presentes somente os jovens atualmente da casa, mas também muitos outros que eu nunca vi. Pois bem, aconteceu uma coisa maravilhosa! Havia jovens de fisionomia tão feia que quase causavam nojo e repugnância. As estes couberam as coroas mais bonitas, significando que um exterior tão feio era suprido pelo presente, a virtude da castidade em grau eminente. Muitos se distinguiram por outras virtudes, como obediência, humildade, amor a Deus, e todos, de acordo com a grandeza

destas virtudes, recebiam coroas correspondentes. E o anjo lhes disse:

– Maria hoje quis que vocês fossem coroados com tão belas rosas. Recordem-se, contudo, de continuar de forma que não lhes sejam tiradas. Os meios para conservá-las são três. Pratiquem: 1º a humildade; 2º a obediência; 3º a castidade. Três virtudes que os farão sempre aceitos por Maria e, um dia, os tornarão dignos de receber uma coroa infinitamente mais linda do que estas.

Então os jovens começaram a entoar diante do altar o *Ave, Maris Stella* (Ave, estrela do mar).

E, tendo cantado a primeira estrofe, se movimentaram para retornar em procissão como tinham vindo, cantando o hino: *Lodate Maria!* Suas vozes eram tão fortes que eu fiquei espantado e maravilhado. Segui-os ainda por alguns instantes, voltando para ver os jovens separados pelo anjo. Porém não os vi mais.

Meus caros! Sei quem foi coroado e quem o anjo expulsou. Di-lo-ei aos interessados, a fim de que procurem levar à Virgem presentes que ela se digne aceitar.

Enquanto isso, algumas observações. – A primeira: Todos levavam flores à Virgem; havia flores de todos os tipos. Porém, observei que todos, quem mais quem menos, no meio das flores tinham espinhos. Pensei e pensei o que significariam aqueles espinhos, e descobri que realmente significavam a desobediência. Conservar dinheiro sem autorização e sem querer entregá-lo ao Prefeito [ecônomo]; solicitar permissão para ir a um lugar e depois ir num outro; ir para a aula quando os outros lá já se encontram há algum tempo; preparar saladas e outras comidas às escondidas; ir aos dormitórios dos outros quando é absolutamente proibido, qualquer que seja o motivo que possam ter; levantar-se tarde de manhã; deixar as práticas de piedade prescritas; conversar quando é tempo de fazer silêncio; comprar livros sem os mostrar; enviar sem licença cartas por meio de terceiros, para que não sejam vistas, e recebê-las usando o mesmo expediente; fazer contratos de compra e venda um com o outro. Eis o que significam os

espinhos. Muitos de vocês perguntarão: é então pecado transgredir as regras da casa? Pensei seriamente nesta questão; respondo-lhes absolutamente, sim. Não lhes digo se grave ou leve: as circunstâncias dirão, mas é pecado. Alguém me dirá: mas na lei de Deus não está que devemos obedecer às regras da casa! Ouçam: está nos mandamentos: – *honra pai e mãe!* Sabem o que significam estas palavras *pai e mãe?* Referem-se também a quem lhes faz as vezes. Não está também escrito na sagrada escritura: *oboedite praepositis vestris* (Obedecei aos vossos dirigentes – Hb 13,17)? Se vocês têm de obedecer, é natural que eles têm de mandar. Eis a origem das regras de um Oratório, e eis se são obrigatórias ou não.

Segunda observação: – Alguns tinham pregos no meio de suas flores, pregos que tinham servido para pregar o Senhor Jesus. E como? Sempre se começa pelas pequenas coisas e depois se chega às grandes. Aquela um queria ter dinheiro para satisfazer seus caprichos, portanto, para gastá-lo à sua maneira, não quis entregá-lo; depois começou a roubar livros de aula e terminou por furtar dinheiro e coisas dos colegas. Esse outro queria satisfazer a gula, e por isso garrafas etc., depois se permitiu licenças, em suma, caiu em pecado mortal. Eis como se acharam pregos naqueles ramalhetes; eis como o bom Jesus foi crucificado. O apóstolo diz que os pecados colocam de novo o Salvador na Cruz: *Rursus crucifigentes filium Dei* (Crucificam novamente o Filho e Deus – Hb 6,6).

Terceira observação. – Muitos jovens tinham, entre as flores frescas e odoríferas, também flores murchas e podres, ou flores bonitas, mas sem aroma. Aquelas significavam as obras boas, mas feitas em pecado mortal, obras que não ajudam a aumentar seus merecimentos. As flores sem aroma são as obras realizadas por objetivos humanos, por ambição, somente para agradar aos professores e aos superiores. Então o anjo os censurava por ousarem levar semelhantes ofertas a Maria, e os mandava de volta para refazer o ramalhete. Eles se retiravam, o desfaziam, tiravam as flores estragadas e, depois, ajeitadas de novo as flores, as amarravam como antes, e as levavam ao anjo que, então, as aceitava e as colocava na

mesa. Estes ao voltar não seguiam nenhuma ordem de fila, mas mal estavam prontos, quem antes, quem depois, cada um trazia de volta seu ramallete e ia se colocar com aqueles que deviam receber a coroa.

Neste sonho eu vi tudo o que foi e o que será de meus jovens. Para muitos já o disse. Aos outros, di-lo-ei. Por enquanto, procurem que esta Virgem Celeste sempre receba de vocês presentes que nunca tenham de ser recusados.

(MBp VIII, 157-161)

Foto de abertura: Carlo Acutis durante uma visita ao Santuário Mariano de Fátima.

150° aniversário da primeira expedição missionária. O Dia Missionário

O Setor para as Missões da Congregação Salesiana preparou os materiais habituais para o Dia Missionário Salesiano 2025 “Agradecer, Repensar, Relançar”, recordando o ano de 1875, ano da primeira expedição missionária.

150 anos é um longo período de tempo e a Família Salesiana está a preparar-se para o celebrar adequadamente. O livreto do Dia Missionário Salesiano 2025 é um instrumento rico e útil para agradecer, repensar e relançar as missões salesianas, juntamente com o poster, a oração e o vídeo (disponível em [Youtube Settore per le Missioni Salesiane](#)).

O primeiro DMS a nível de Congregação foi lançado em 1988 e, apesar das mudanças, continua a ser uma ocasião oferecida às comunidades SDB, às Comunidades Educativo-Pastorais (CEP), aos

jovens e membros da Família Salesiana para viver bem este aspecto do carisma salesiano e difundir a sensibilidade missionária. Embora o nome possa induzir ao erro, não se trata de um dia específico, não há uma data única; cada Inspeção pode escolher o período mais adequado ao seu ritmo e calendário para viver plenamente este momento forte de animação missionária. Além disso, o DMS é a meta mais elevada dos itinerários educativo-pastorais e não uma atividade isolada das demais.

O livreto começa com algumas palavras do P. Stefano Martoglio SDB, vigário: “Neste ano, temos a felicidade de celebrar os 150 anos da primeira expedição missionária da Congregação Salesiana, realizada por Dom Bosco em 1875. Celebrar essa expedição significa renovar o mesmo espírito e pedir ao Senhor o coração missionário de Dom Bosco. Aquela expedição, e todas as que se seguiram, não são para nós apenas elementos cronológicos. São fidelidade ao espírito de Dom Bosco, em obediência ao Dom de Deus, que marcaram e marcam o crescimento, na fidelidade, da Congregação Salesiana nos passos e no Sonho de Dom Bosco.”

O P. Alfred Maravilla SDB, Conselheiro Geral para as Missões, partilha uma reflexão sobre a Opção Missionária de Dom Bosco. Mesmo que Dom Bosco nunca tenha partido como missionário *ad gentes, ad exteros, ad vitam*, podemos encontrar o seu espírito missionário desde a sua infância. Dom Bosco viveu um animado renascimento missionário e já em 1848 ele falava aos seus rapazes sobre o envio de missionários para regiões distantes, falando muitas vezes do seu desejo de evangelizar aqueles que não conheciam Cristo na África, na América e na Ásia. A opção missionária de Dom Bosco foi a confluência de três fatores: em primeiro lugar, a realização do seu desejo pessoal, há muito cultivado, de “ir em missão”, expresso nos seus cinco “sonhos missionários”. Em segundo lugar, Dom Bosco acreditava que o compromisso missionário da sua recém-aprovada Congregação evitaria que os membros caíssem no perigo real de um estilo de

vida suave e fácil. Acima de tudo, o compromisso missionário das suas Congregações é a expressão mais plena do seu carisma, resumido no seu lema e no da Congregação: *Da mihi animas, caetera tolle*.

Algumas contribuições vieram de diferentes perspectivas: a Estreia 2025 “Ancorados na esperança, peregrinos com os jovens”, o Jubileu do Sagrado Coração de Jesus com alguns pontos da encíclica “Dilexit nos”, escrita pelo Papa Francisco e, claro, o Ano Santo da Igreja, o Jubileu. Podemos ler todos estes contributos como um convite do Espírito Santo a tornarmo-nos “mais missionários” na nossa vida quotidiana, com fé e esperança.

Sabemos que, entre os muitos compromissos de 2025, um será muito especial para os salesianos: o 29.º Capítulo Geral da Congregação Salesiana. O P. Alphonse Owoudou SDB será o regulador da CGXXIX e fez uma reflexão profética à luz do Uma reflexão profética à luz do CG29. “O tema do 29.º Capítulo Geral, Apaixonados por Jesus Cristo e dedicados aos jovens oferece-nos uma perspectiva privilegiada para refletir sobre a nossa missão, articulada em torno de três eixos essenciais: vocação e fidelidade profética (agradecer), comunidade como profecia de fraternidade (repensar) e a reorganização institucional da Congregação (relançar). A missão salesiana não é apenas um legado a preservar, mas um desafio a assumir com entusiasmo renovado e visão profética. Com gratidão pelo passado, discernimento para o presente e ousadia para o futuro, continuemos a caminhar juntos, inspirados pelo mesmo zelo missionário que levou os primeiros missionários salesianos a ultrapassarem fronteiras, movidos pelo desejo de tornar visível o amor de Deus entre os jovens.”

Em seguida, a apresentação dos membros da primeira expedição de conhecidos sobretudo graças à famosa foto tirada por Michele Schemboche, um fotógrafo profissional: Giovanni Battista Allavena, P. Giovanni Battista Baccino, P. Valentino Cassini, P. Domenico Tomatis, Stefano Belmonte, Vincenzo Gioia,

Bartolomeo Molinari, Bartolomeo Scavini, P. Giuseppe Fagnano e P. Giovanni Cagliero, chefe da expedição missionária.

O dia 11 de novembro de 1875 foi solene e emotivo. Dom Bosco preparou uma homilia para acompanhar os seus filhos que seriam os primeiros a atravessar o oceano em direção à Argentina. “O nosso Divino Salvador, quando estava nesta terra, antes de voltar ao Pai Celeste, reuniu os seus Apóstolos e disse-lhes: *Ite in mundum universum... docete omnes gentes... Praedicate evangelium meum omni creaturae*. Com estas palavras, o Salvador não deu um conselho, mas uma ordem aos seus Apóstolos, para que fossem e levassem a luz do Evangelho a todas as partes da terra”.

Para entender melhor o contexto dos missionários salesianos, você encontrará no livreto um artigo sobre a correspondência com Dom Bosco e uma síntese dos cinco sonhos missionários. Entre as centenas de cartas de Dom Bosco que atravessaram o Oceano Atlântico entre 1874 e 1887, a maior parte é dirigida aos Salesianos, a Dom Cagliero e Dom Fagnano, ao Padre Bodrato e ao Padre Vespignani, a Dom Costamagna e ao Padre Tomatis e assim por diante, a muitos dos salesianos, sacerdotes, coadjutores, clérigos, que partiram durante as 12 expedições missionárias organizadas a partir de 1875.

Como dizem as Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales no artigo 138, “Conselheiro para as Missões promove em toda a Sociedade o espírito e o compromisso missionário. Coordena as iniciativas e orienta a ação das missões para que responda com estilo salesiano às urgências dos povos ainda por evangelizar. É também seu encargo assegurar a preparação específica e a atualização dos missionários. Assim, temos a oportunidade de conhecer melhor e recordar os oito Conselheiros Gerais para as Missões até 2025: o P. Modesto Bellido Iñigo (1948-1965), o P. Bernard Tohill (1971-1983); o P. Luc Van Looy (1984-1990); o P. Luciano Odorico (1990-2002); o P. Francis Alencherry (2002-2008); o P. Václav Klement (2008-2014), o P. Guillermo Basañes (2014-2020) e o P. Alfred

Maravilla (2020-2025).

Além disso, queremos apresentar nesta sessão, algumas figuras de “pioneiros” salesianos menos conhecidos que ajudaram a difundir o carisma salesiano nos cinco continentes: o P. Francisco Dupont, o iniciador da missão salesiana no Vietnã, o P. Valeriano Barbero, o semeador do carisma salesiano em Papua Nova Guiné, o P. Tiago Ntamitalizo, o inspirador do Projeto África, o P. Rafael Piperni, o precursor dos salesiano nos Estados Unidos, o P. Pascual Chávez como autor do Projeto Europa, o P. Bronislaw Chadanionek, o pioneiro incógnito na Moldávia.

O crescimento da Família Salesiana é um sinal da fecundidade do carisma salesiano e, em particular, muitos grupos da Família Salesiana foram fundados por missionários salesianos: no livreto há uma breve apresentação de cada um deles. Além disso, é bom ver a santidade missionária da Família Salesiana, com um número crescente de pessoas que caminham na trilha da santidade. Outro fruto tangível das missões salesianas é a vida de quatro jovens que podem ser considerados como jovens testemunhas da esperança cristã: Zeferino Namuncurá, Laura Vicuña, Simão Bororo e Akash Bashir.

As novas presenças salesianas, especialmente em Países onde os Salesianos não estavam presentes, são indicações do impulso missionário da Congregação Salesiana que revigora a fé, dá novo entusiasmo vocacional e revitaliza a identidade carismática dos Salesianos tanto na Inspeção que assume a responsabilidade de novas presenças como na que envia ou na que recebe missionários. Além disso, o impulso missionário da Congregação livra-nos dos perigos do aburguesamento, da superficialidade espiritual e do genericismo; e obriga-nos a sair das nossas zonas de conforto e projeta-nos com esperança para o futuro. Com esse espírito, podemos saber mais sobre as novas fronteiras missionárias salesianas: Níger, Botsuana, Argélia, Grécia e Vanuatu.

A riqueza das missões salesianas ultrapassa as fronteiras e chega a muitos campos: os museus missionários salesianos, como guardiões do patrimônio cultural e salesiano, os Voluntários Missionários Salesianos que doam tempo e vida aos outros, os grupos missionários, os que se espalham na República Democrática do Congo, Inspetoria AFC.

Cada DMS propõe um projeto, ligado ao tema do ano, como oportunidade concreta de solidariedade e animação missionária. Este ano escolhemos a abertura de um oratório em Pagos, na Grécia, uma das novas fronteiras missionárias salesianas. A abertura de um oratório em Pagos, na ilha de Syros, será uma das chaves para envolver os jovens gregos católicos e migrantes da região e iniciar o trabalho salesiano com eles. Os recursos arrecadados serão usados para dar início às atividades pastorais, organizar as instalações e comprar materiais de animação. O envolvimento dos Salesianos na pastoral juvenil da diocese permitirá compartilhar o nosso carisma para enriquecer a Igreja local, uma pequena minoria que precisa de animação.

O livreto se encerra com alguns jogos para divertir e aprofundar o conhecimento sobre as missões salesianas, a apresentação dos membros do Setor das Missões, que ajudam o Conselheiro Geral a cumprir o seu papel de promover o espírito missionário e o empenho missionário na Congregação Salesiana, e a oração final.

Louvado sejas, Deus nosso Pai,
pelo espírito missionário
que derramaste no coração de Dom Bosco
como elemento essencial do seu carisma.

Nós Te damos graças
pelos 150 anos das missões salesianas,
e por tantos Salesianos missionários
que ofereceram as suas vidas
levando o Evangelho e o carisma salesiano

a 137 países do mundo.

Envia o teu Espírito para guiar-nos
no repensamento de uma visão
renovada das missões salesianas,
com incansável criatividade missionária.

Incendeia os nossos corações
com o fogo do Teu amor para que,
apaixonados por Jesus Cristo
possamos lançar-nos de novo,
com zelo e entusiasmo missionário,
e anunciá-Lo a todos
especialmente aos jovens pobres e abandonados.

Vós todos, Santos Salesianos Missionários,
Intercedei por nós!

Os materiais do DMS 2025 estão disponíveis no link [Dia Missionário Salesiano 2025](#).

Para mais informações, escreva paracaglieroll@sdb.org.

Marco Fulgaro

Uma roda misteriosa e profética (1861)

“O coração do sábio conhece o tempo (de agir) e julgamento (para dar sentido a suas ações). De fato, para todas as coisas, há tempo e julgamento... Ele não sabe o que vai acontecer. Quem pode anunciar-lhe como há de ser”? (cf. Ecl 8,5b-7). Desta percepção de Dom Bosco, o fato dele conhecer as coisas passadas e prever futuras que eram do seu interesse,

nos dá nova prova à persuasão, que inspirou as Crônicas dos padres Domingos Ruffino e João Bonetti e também as memórias do P. João Cagliero, do P. César Chiala e de outros, todos eles testemunhas auriculares das palavras do servo de Deus.

Com singular concordância nos expõem um outro sonho, contado por Dom Bosco, no qual ele vê o Oratório de Valdocco, os frutos que produzia, a condição dos alunos perante Deus; aqueles que eram chamados ao estado eclesiástico ou ao estado religioso na Pia Sociedade, ou a viver no estado civil; e o futuro da nascente Pia Sociedade.

Dom Bosco, portanto, sonhou, na noite anterior ao dia 2 de maio. Esse sonho durou seis horas, mais ou menos. Logo que o dia raiou, ele pulou da cama para tomar nota dos itens principais e dos nomes de alguns personagens que tinha visto passarem-lhe à sua frente enquanto dormia. Para contá-lo ele demorou três noites consecutivas, estando num estrado sob os pórticos depois das orações.

No dia 2 de maio, falou cerca de três quartos de hora. O exórdio, como de costume nestas narrativas, apareceu um tanto confuso e estranho por motivos que já expusemos em outras ocasiões e devido àquelas que deixaremos ao juízo dos leitores. Assim ele começou falando aos jovens depois de ter anunciado assunto:

Este sonho diz respeito somente aos estudantes. Muitíssimas coisas vistas por mim não podem ser descritas por falta de memória ou insuficiência de palavras. Parecia-me estar saindo de minha casa lá dos Becchi. Estava andando por um caminho que conduzia a um lugarejo vizinho a Castelnuovo chamado Capriglio. Queria chegar a um campo arenoso, de nossa propriedade, numa valada atrás do casario chamado Valcappone, cuja colheita dava apenas para pagar os impostos. Ali, na minha infância, eu tinha ido muitas vezes trabalhar. Já tinha percorrido um bom trecho de caminho, quando encontrei perto do campo um homem de uns quarenta anos, de estatura normal, de barba comprida bem ajeitada e de tez morena. Vestia um traje que descia até os joelhos e cingido na cintura. Trazia na

cabeça uma espécie de boné branco. Estava numa postura de quem esperava alguém. Cumprimentou-me familiarmente como se eu fosse velho conhecido e me perguntou:

– Aonde vai?

Detendo o passo, respondi:

– Eh! Vou ver um campo que temos por estas bandas. E o senhor, o que faz por aqui?

– Não seja curioso! Não precisa saber!

– Muito bem! Faça ao menos o favor de dizer-me seu nome, quem é, porque me parece que me conhece. De minha parte eu não o conheço.

– Não é preciso que eu lhe diga meu nome e minhas qualidades. Vem. Façamo-nos companhia.

Pus-me a caminho com ele e depois de alguns passos me vi diante de um campo coberto de pés de figo. Aí o meu companheiro me disse:

– Olhe que belos figos. Se quer, pode colher e comer.

Eu respondi maravilhado:

– Nunca houve figos neste campo!

E ele:

– Mas agora existem. Olhe lá.

– Mas estes estão verdes. Ainda não é a estação dos figos.

– Mas pode ver. Há belos figos e bem maduros. Se quer... Vai logo porque já é tarde.

Eu não me decidia, e o amigo continuava insistindo:

– Ande logo! Não perca tempo! A noite vem caindo!

– Por qual motivo me apura tanto? Não vou comer! Não quero! Agrada-me vê-los, dá-los de presente, mas não me agradam muito ao meu paladar.

– Bem, se é assim, vamos. Lembre-se, porém, o que o Evangelho de São Mateus, onde ele fala dos grandes acontecimentos que estavam para cair sobre Jerusalém. Jesus Cristo falava para seus discípulos: *Ab arbore fici discite parabolam. Cum iam ramus ejus tener fuerit et folia nata,*

scitis quia prope est aestas (Da parábola da figueira, aprendei a lição: quando seus ramos vicejam e as folhas começam a brotar, sabeis que o verão está perto – Mt 24,32). E agora já está mais próximo o verão porque os frutos estão a amadurecer.

Pusemo-nos de novo a caminho e eis que apareceu um outro campo coberto de videiras. E o desconhecido:

– Quer uvas? Se não lhe agradam os figos, olhe lá aqueles cachos! Pegue e coma!

– Oh! Pegaremos uvas a seu tempo lá na vinha.

– Mas aqui também há!

– A seu tempo!

– Mas não está vendo toda aquela uva madura?

– Mas será possível!? Nesta época!?

– Ande logo! Vá! A noite vem chegando! Não tem tempo a perder!

– E por que tanto afã para fazer depressa? Contanto que ao anoitecer me encontre em casa. – Ande logo! Estou falando: ande logo. Logo chega a noite.

– Bem, se cai a noite, voltará o dia.

– Não é verdade! O dia não voltará mais.

– Mas como!? O que quer dizer com isso?

– Que a noite se aproxima.

– Mas de que noite está a me falar? Quer então dizer que devo preparar a mala e partir? Que eu devo partir já para minha eternidade?

– A noite se aproxima: tem bem pouco tempo.

– Diga-me pelo menos se será logo. Quando será?

– Não seja tão curioso. *Non plus sapere quam oportet sapere* (Não saber mais do que convém).

– Assim dizia minha mãe a respeito dos enxeridos.

– Pensei comigo e respondi em alta voz: – Por enquanto não tenho nenhum desejo de uvas!

Enquanto isso íamos caminhando lentamente por um curto trecho de estrada e chegamos ao campo que era de nossa propriedade. Encontramos meu irmão José que carregava sua carroça. Ele se aproximou e me cumprimentou. Depois saudou meu

companheiro, mas vendo que o amigo não respondia ao cumprimento e não lhe dava bola, perguntou-me se, por acaso, ele não tivesse sido colega de escola e respondi:

– Não, nunca o vi.

Então José voltou-se para o amigo e dirigiu-lhe a palavra:

– Por gentileza, diga-me seu nome. Brinde-me com uma resposta para que eu saiba com quem estou a falar. – Mas o outro permaneceu mudo. Meu irmão ficou admirado e voltou-se para mim e perguntou:

– Mas quem é essa pessoa?

– Não sei! Ele não quis dizer!

Nós insistimos ainda um pouco para saber donde vinha, mas o outro respondia apenas:

– *Non plus sapere quam oportet sapere.*

Neste momento meu irmão já se tinha afastado e não mais o vi. O desconhecido virou-se para mim e me disse:

– Quer ver alguma coisa diferente?

– De bom grado!

– Quer ver seus meninos, como eles estão agora no presente? O que serão no futuro? Quer contá-los?

– Oh! Sim! Sim!

– Então venha comigo.

I

Então ele tirou, não se de onde, uma engenhoca enorme que eu não saberia descrever. Tinha dentro uma grande roda. Fincou-a no chão.

– O que quer dizer esta roda?

– A eternidade nas mãos de Deus. E pegou a manivela da roda e a fez rodar e falou:

– Pegue a manivela e dê uma volta.

Assim o fiz. E me acrescentou:

– Agora olhe lá dentro.

– Olhei. Lá dentro havia um vidro em forma de lente com a largura um metro, mais ou menos, que se encontrava

fixa no meio da máquina. Ao redor desta lente estava escrito: *Hic est oculus qui humilia respicit in coelo et in terra* (Este é o olho que vê as coisas humildes tanto céu quanto na terra). Logo coloquei os olhos sobre aquela lente. Olhei. Oh, que espetáculo! Vi lá dentro todos os jovens do Oratório. Eu pensava comigo: – Mas como é possível isso? Até o momento eu não vi ninguém nesta região e agora vejo todos os meus filhos! Mas eles não estão todos em Turim?

Olhei por cima e pelos lados da engenhoca, mas por fora da lente não via nada. Levantei a cabeça para partilhar minha admiração com o amigo. Depois de alguns instantes ele me disse para dar mais um giro na manivela. Então eu vi estranha e singular separação dos jovens. Os bons separados dos maus. Os primeiros estavam radiantes de alegria; os outros, que por sinal não eram muitos, causavam compaixão. Eu os reconheci a todos, mas como eram diferentes do conceito que os colegas faziam deles. Uns tinham a língua furada, outros tinham os olhos piedosamente esbugalhados, outros oprimidos por dor de cabeça, feridas repugnantes, e havia jovens com o coração roído pelos vermes. Mais eu os olhava, mais me sentia oprimido e dizia: – Mas será possível que estes sejam os meus filhos? Não consigo compreender o que significam estas doenças!

Ouvindo minhas palavras, o amigo que me tinha levado para a roda, me disse:

– Ouça-me! Língua furada significa as más conversas. Os olhos esbugalhados representam os que interpretam e valoram erradamente as graças de Deus, preferindo a terra ao céu. A cabeça doída é a não preocupação com os seus conselhos, a satisfação com os caprichos próprios. Os vermes significam as paixões maldosas que corroem os corações. Também há surdos que não querem ouvir suas palavras para não ter que colocá-las em prática.

Então fez-me um gesto para eu dar mais uma manivelada na roda. Aproximei o olho à lente do aparelho. Vi quatro jovens amarrados com pesadas correntes. Olhei bem e reconheci os quatro. Pedi explicações ao desconhecido, e ele respondeu:

– Pode descobrir facilmente. São os que não ouvem os seus conselhos e não trocam de atitudes, estão na iminência de serem postos na prisão e aí apodrecerem por causa de seus delitos ou desobediências graves.

– Quero tomar nota dos nomes deles para não esquecer. Mas o amigo respondeu:

– Não é preciso. Estão todos anotados! Ei-los todos escritos neste caderno.

Então lembrei-me de um livrinho que ele tinha na mão. Deu-me ordem para eu dar mais um giro na roda. Obedeci e enfiei os olhos naquela tela. Vi outros sete jovens que estavam bem altivos, em atitude desconfiada, com um cadeado na boa, que lhes trancava os lábios. Três deles também tapavam os ouvidos com as mãos. Afastei-me da imagem, quis pegar um caderno e lápis para anotar seus nomes. Aí o homem me disse:

– Não é preciso. Estão anotados aqui no caderno que trago sempre comigo.

Não quis de jeito nenhum que eu escrevesse. Eu estava espantado e condoído com aquela cena estranha. Perguntei o porquê de o cadeado trancar a boca daqueles tais, e ele explicou:

– Mas não entende? São os que calam!

– Mas calam o quê?

– Calam!

Então entendi que calavam na confissão. São os que, mesmo perguntados pelo confessor, não respondem ou respondem evasivamente ou contra a verdade. Respondem “não” quando é “sim”. E o amigo continuou:

– Está vendo aqueles três outros que, além do cadeado na boca, tapam as orelhas com as mãos? A condição deles é deplorável. São os que não apenas omitem na confissão e de maneira alguma querem ouvir os avisos, os conselhos, as ordens do confessor. São os que ouviram suas palavras, mas não as colocaram em prática, não deram atenção. Poderiam baixar as mãos, mas não querem. Os outros quatro ouviram as exortações, as recomendações, mas não aproveitaram.

– E como fazer para tirar o cadeado?

– *Ejiciatur superbia e cordibus eorum* (Tire-se a soberba dos seus corações).

– Eu darei o aviso a todos, mas para os que conservam as mãos nas orelhas existe pouca esperança.

Aquele homem deu-me um conselho:

– Ao dizer duas palavras no púlpito, uma seja sobre fazer bem a confissão.

Prometi obedecer. Não quero dizer que vou me orientar exatamente assim, porque tornar-me-ia enjoado, mas vou fazer o possível para repetir muitas vezes esta máxima necessária. De fato, é bem maior o número dos que se condenam confessando-se, do que os que se condenam por não se confessarem, porque os depravados se confessam alguma vez, mas muitíssimas vezes não se confessam bem.

Daí o personagem me mandou dar mais uma manivelada.

Dito e feito. Olhei e vi três outros jovens com atitudes apavorantes. Cada um deles tinha um imenso gorila nas costas. Olhei atentamente. Vi que os animais tinham chifres. Cada um daqueles horrendos monstros com as patas dianteiras apertava o pescoço do infeliz com tal veemência que o fazia ficar vermelho e de rosto inflamado, e com os olhos ameaçando explodir das órbitas afora e cheios de sangue. Com as patas traseiras apertava as coxas que a custo conseguiam mover-se e com o rabo, chegava até o chão, enrodilhava-lhes as pernas de modo que era difícil e quase impossível caminhar.

Isto significava que aqueles jovens, depois dos exercícios (espirituais), estavam em pecado mortal, especialmente da impureza e da imodéstia, réus de matéria grave contra o sexto mandamento. O demônio lhes apertava o pescoço, não lhes permitindo falar quando deviam. Fazia-os ficar de rosto vermelho e perdiam a inteligência, não sabendo mais o que fazer. Ficavam atados pela vergonha fatal que, em vez de levá-los à salvação, os leva à perdição. Com seus apertos fazia-lhes empurrar os olhos para fora das órbitas e aí não conseguiam divisar as próprias misérias e os meios para sair desta horrível situação, porque, dominados por uma

amedrontadora preocupação, sentiam repugnância pelos sacramentos. Mantêm-nos presos pelas pernas para que não possam caminhar e nem dar passo para se colocarem no caminho do bem: é o predomínio da paixão por causa do hábito que lhes tira a possibilidade de emendarem-se.

Asseguro-lhes, meus caros jovens, que, ao presenciar tal espetáculo, eu chorei. Teria querido pular para frente para libertar aqueles desgraçados, mas logo que me afastava da tela a imagem sumia. Quis então anotar os nomes daqueles três, mas o amigo disse:

– Coisa inútil, porque eu já os tenho escrito no livro que tenho em mãos.

Eu estava com o coração perturbado, lágrimas nos olhos e disse ao amigo:

– Mas como é que estes pobres jovens estão neste estado! Eu lhes disse tantas palavras, servi-me de todos os cuidados na confissão e fora da confissão! – Perguntei-lhe o que deviam fazer para tirar das costas aquele monstro horrível. Ele respondeu ligeiro e entredentes:

– *Labor; sudor; fervor* (trabalho, suor, fervor).

– Não entendo. Fale mais claro. – De novo ele repetiu, mas sempre entredentes:

– *Labor; sudor; fervor*.

– É inútil. Se fala assim eu não o compreendo!

– Oh! Quer debochar de mim.

– Ora! Seja lá como quiser! Mas repito: não entendo!

– Pois é! Está acostumado ao uso da gramática e às sintaxes das salas de aula. Pois então, observe: *Labor*, ponto e vírgula; *Sudor*, ponto e vírgula. *Fervor*, ponto. Entendeu?

– Materialmente entendi as palavras. Porém, convém que me dê a explicação.

– *Labor in singulis operibus. Sudor in paenitentibus continuis. Fervor in orationibus ferventibus e perseverantibus* (Trabalho nas obras assíduas, suor nas penitências contínuas, fervor nas orações fervorosas e perseverantes). Com eles muito se sacrificará. Não conseguirá

conquistá-los, porque não querem sacudir o jugo de satanás, de quem são escravos.

Eu continuava olhando e me atormentava pensando:

– Mas como!? Então todos estes estão perdidos? Possível!? Mesmo depois dos exercícios espirituais... aqueles tais... depois que eu fiz tanto por eles... depois de ter trabalhado tanto... depois de tantas pregações... depois de lhes ter dado tantos conselhos... feito tantas promessas... dado tantos avisos. Eu nunca teria imaginado tamanho desengano. – Eu não conseguia sossegar.

Então meu intérprete começou a recriminar-me: – Oh, o soberbo! Vejam o soberbo! E quem é você para pretender converter porque trabalha? Porque ama os seus jovens, pretende vê-los todos corresponderem aos seus desejos? Pretende ser melhor do que nosso Divino Salvador em amar as almas, em trabalhar e sofrer por elas? Pensa que sua palavra seja mais eficaz do que a palavra de Jesus Cristo? Por acaso prega melhor do que Ele? Acha que usou mais caridade, maior cuidado com os seus jovens do que usou o Salvador para com seus Apóstolos? Você sabe que eles viviam continuamente com Ele, a todos os momentos, a cada instante ficavam repletos de todo tipo de benefícios, ouviam dia e noite Suas advertências e os preceitos de Sua doutrina, viam Suas obras que deviam ser um estímulo para a santificação de seus costumes. Quanto não terá feito e dito a respeito de Judas! Contudo Judas o traiu e morreu impenitente. Por acaso é melhor do que os Apóstolos? Pois bem! Os Apóstolos escolheram sete Diáconos. Eram apenas sete, escolhidos com todo cuidado e, todavia, um prevaricou! E você, entre quinhentos, se assusta com esse pequeno número que não corresponde aos seus cuidados? Pretende conseguir que não haja um desviado, que não haja um perverso sequer? Oh, o soberbo! – Quando ouvi isso, fiquei quieto. Mas sentia a alma deprimida pela dor. O homem continuou e percebeu que eu estava abatido. Fez-me dar mais um giro na roda, retomando:

– Sossegue! Veja como o Senhor é generoso. Olhe quantas almas Deus quer lhe dar. Vê lá no fundo aquele grande número de jovens?

Continuei a observar naquela tela imensa massa de jovens que nunca tinha conhecido em vida.

– Sim! Estou vendo! Mas não conheço ninguém.

– Pois bem! Estes são os que o Senhor lhe dará em compensação dos quatorze que não correspondem aos seus cuidados. Saiba que para compensar cada um dos quatorze o Senhor lhe dará cem.

– Ah! Pobre e mim! Já estou com a casa cheia. Onde vou alojá-los?

– Não se apoquente. Por enquanto lugar há suficiente. Mais tarde Aquele que os manda para você, Ele sabe onde você poderá colocá-los. Ele mesmo achará lugar.

– Mas não é tanto o lugar que causa preocupação. O que mais me preocupa é o refeitório.

– Por ora deixe de lado estas preocupações. O Senhor providenciará.

– Bem, se é assim, fico muito contente. Até que me consolei. Olhei para todos aqueles jovens por muito tempo e ainda conservo na mente algumas fisionomias e poderei reconhecê-los se um dia os encontrar.

Neste ponto Dom Bosco encerrou a Boa-noite. Era o dia 2 de maio.

II

Na noite do dia 3, ele retomava a narrativa. Naquela tela ele tinha visto também o espetáculo das vocações, que dizia respeito a cada de seus alunos. Foi conciso e categórico em sua fala. Não proferiu nome algum e passou para outra ocasião a explicação das respostas ouvidas do guia a respeito de certos símbolos ou às alegorias que lhe passaram perante os olhos. Porém, o clérigo Ruffino tomou nota de diversos nomes recolhidos das suas confidências com os mesmos jovens, para quem Dom Bosco tinha segredado em particular o que ele tinha visto. Ruffino os escreveu em 1861 e no-los repassou.

Para maior clareza de exposição e para não sermos

obrigados a fazer muitas repetições, colocaremos tudo num bloco só, incluindo na narrativa os nomes omitidos e as explicações já dadas; estas, porém, não em forma de diálogo. Contudo, seremos exatos em referir *ao pé da letra* o que escreveu o cronista. Dom Bosco então começou a falar:

O desconhecido estava perto da engenhoca da roda e da tela, e eu estava contente por ter visto tantos jovens que um dia viriam morar conosco. Então ele me disse:

- Não quereria ver ainda uma cena espetacular?
- Mas é claro que quero!
- Rode a roda!

Girei, olhei e vi. Todos os jovens estavam divididos em dois grupos, um grupo longe do outro, numa vasta região bem espraiada. De um dos lados aparecia um terreno coberto de legumes, hortaliças, relva e campo, em cuja orla havia umas fileiras de vinhas selvagens. Ali os jovens de um dos grupos, com pás, enxadas, as picaretas, os ancinhos, revolviam o terreno. Estavam distribuídos em quadras que tinham supervisores. Fiscal geral era o Cavaleiro Orégia, de Santo Estêvão, que distribuía ferramentas agrícolas de todo tipo aos que cavavam e fazia trabalhar quem tinha pouca vontade. Ao longe divisei jovens que semeavam.

O segundo grupo estava do outro lado, num extenso campo de trigo coberto de espigas douradas. Um valo comprido servia de limite entre este e outros campos cultivados que de ambas as partes se perdiam no horizonte. Os jovens trabalhavam recolhendo a messe, mas nem todos faziam o mesmo serviço. Alguns colhiam e faziam enormes feixes, uns amontoavam, outros respigavam, alguém dirigia a carroça, outro esbagoava, uns afiavam as foices e as aguçavam, um as distribuía, outro mais longe tocava violão. Era uma cena fabulosa de variantes surpreendentes.

Naquele campo, à sombra de vetustas árvores, viam-se mesas cobertas de alimento necessário para toda aquela gente. Um pouco além um vasto e magnífico jardim cercado e sombreado, risonho de todas as espécies de canteiros de

flores.

A separação entre os trabalhadores da terra e os ceifeiros indicava os que abraçavam o estado eclesiástico e os que não o abraçavam. Eu não entendia o mistério e dirigi-me ao guia:

– O que significa isto? Quem são aqueles que estão a cavar a terra?

– Ainda não entende estas coisas? Os que cavam a terra são os que trabalham só para si mesmos, isto é, que não são chamados para o estado eclesiástico, mas são chamados ao estado laico.

Logo entendi que os cavadores eram os aprendizes. Estes, em seu estado, basta que pensem em salvar a própria alma sem que tenham a obrigação especial de ocupar-se com a salvação dos outros. Repliquei:

– E aqueles que estão a fazer a colheita, que estão do outro lado do campo?

Sem dificuldade reconheci serem os que são chamados ao estado eclesiástico. Agora eu sei quem deve ser padre e quem deve seguir outro caminho. E eu contemplava com viva curiosidade o campo de trigo. Provera distribuía as foices aos ceifadores, e isto indicava que ele poderia tornar-se Reitor do Seminário ou diretor de comunidade religiosa ou de uma casa de estudos e, talvez algo mais importante. Deve-se notar que nem todos os que trabalhavam recebiam dele a foice, porque aqueles que a solicitavam eram os que fariam parte da nossa Congregação. Os outros recebiam a foice de outros distribuidores que não pertenciam aos nossos e, com isso, queria-se significar que se tornariam padres, mas exerceriam o sagrado ministério fora do Oratório. A foice é símbolo da Palavra de Deus.

Nem a todos que solicitavam a foice Provera a entregava logo. Ele mandava alguns se alimentarem. Um comia um bocado, outros dois, isto é, o bocado da piedade e do estudo. O Tiago Rossi foi mandado a comer um bocado. Outros iam até o arvoredor onde estava o clérigo Durando que fazia muitas coisas e, entre elas, preparava a mesa para os ceifadores e lhe

distribuía a comida. Este serviço mostrava os que são indicados de modo especial a promover a devoção para com o Santíssimo Sacramento. Ao mesmo tempo Mateus Galiano atarefava-se em levar água para os ceifadores.

Costamagna foi pegar uma foice, mas Provera o mandou ao jardim a fim de colher duas flores. O mesmo aconteceu com Quattrocollo. Ao Rebuffo foi ordenado que recolhesse três flores, com a promessa de que lhe seria posta nas mãos uma foice. Olivero também estava nessa.

Os jovens continuavam esparsos cá e acolá em meio às espigas. Muitos estavam dispostos em linha. Alguns tinham diante de si um canteiro grande, outros tinham um canteiro menor. O P. Ciattino, pároco de Maretto, colhia com uma foice entregue por Provera. P. Francisca e Vibert cortavam o trigo. Também colhiam Jacinto Perucatti, Merlone, Momo, Giarino, Jarach, os quais salvariam almas com a evangelização, se correspondessem à própria vocação. Quem colhia mais, quem colhia menos. Bondioni ceifava como um desesperado, mas nada de violento dura muito. Alguns lançavam a foice com muita força contra o trigo, mas ceifavam nada. Vaschetti pegou uma foice e se pôs a cortar, a cortar, e saiu do campo e foi trabalhar noutro lugar. A outros aconteceu o mesmo. Entre aqueles que ceifavam, muitos não tinham uma foice bem afiada. De outras foices faltavam a pontas. Alguns a tinham muito gasta e quando queriam ceifar despedaçavam e estragavam tudo.

Domingos Ruffino colhia e tinha recebido um canteiro muito grande. Sua foice cortava bem. Só tinha um defeito: a foice dele não tinha ponta, símbolo da humildade. Era o desejo de atingir um grau mais elevado entre os iguais. Ele foi até Francisco Cerruti para martelá-la. De fato, eu vi que Cerruti martelava as foices para afiá-las, indício de que devia colocar nos corações ciência e piedade, dando a ideia de que devia tornar-se um professor. O fato de martelar era o serviço de quem se entrega à formação do clero. Provera entregava a ele as foices desgastadas. Ao P. Rocchietti e a outros ele entregava as que precisavam ser afiadas. Essa era a ocupação deles.

O serviço de afiar era próprio de quem dirige o clero na piedade. Viale se apresentou e foi pegar uma foice que não estava afiada, mas Provera quis dar-lhe uma cortante que tinha sido passada no esmeril. Vi também um serralheiro que devia preparar ferramentas agrícolas e este era o Constâncio.

Enquanto fervilhava todo este complicado trabalho, Fusero preparava os feixes e isto significava o fato de conservar as consciências na graça de Deus. Mas descendo mais para os detalhes e tomando os feixes não como imagens dos meros fiéis, mas como dos que estão destinados ao estado eclesiástico, dava para entender que ele teria ocupado um lugar de formador dos clérigos.

Havia quem o ajudava a amarrar os feixes. Lembro de ter visto entre outros o P. Turchi e Guivarello. Isto significa os que são destinados a harmonizar as consciências, como, por exemplo, confessando, especialmente os voluntários ou aspirantes ao estado eclesiástico. Outros transportavam os feixes sobre uma carroça, que representa a graça de Deus. Os pecadores convertidos devem embarcar nesta carroça para se encaminharem pela senda da salvação, que tem como ponto final o céu. A carroça se movimentou quando esteve cheia de feixes. Era puxada não por jovens, mas por bois, símbolo da força perseverante. Havia quem os conduzia. P. Rua estava na frende do carro e o guiava e isto significa que a ele caberia guiar as almas para o céu. P. Ângelo Sávio vinha andando atrás com a vassoura recolhendo as espigas e os feixes que caíam.

Espalhados pelo campo, viam-se os que respigavam, entre eles João Bonetti e José Bongiovanni, isto é, os que recolhem os pecadores obstinados. Bonetti é especialmente chamado pelo Senhor para procurar de modo particular os infelizes afastados da foice dos ceifeiros. Fusero e Anfossi amontoavam no campo os feixes de trigo cortado para que fosse debulhado em tempo hábil: isso talvez fosse símbolo de alguma cátedra. Outros como o P. Alasonatti formavam os montes e os que administram o dinheiro, zelam pelo cumprimento das normas, ensinam as orações e o canto dos louvores sagrado e, afinal de

contas, colaboram material e moralmente para repor as almas no caminho do paraíso.

Aparecia um espaço plano de terra apropriado para bater as espigas. O P. João Cagliero, que antes tinha ido ao jardim colher flores e as tinha distribuído aos companheiros com um ramilhete nas mãos, foi até aquela área para debulhar o trigo. Debulhar o trigo refere-se aos destinados por Deus a se ocuparem da instrução do povo simples. À distância viam-se diversos focos de fumaça negra que subiam às nuvens. Era o trabalho dos que recolham o joio e, tendo saído fora dos limites da seara, o amontoavam e queimavam. Significava de modo especial os que são destinados a separar os maus dos bons. Indica os diretores das nossas futuras casas. Entre estes estava o P. Francisco Cerutti, João Tomietti, Domingos Belmonte, Paulo Álbera e outros que ainda estão estudando nas classes ginasiais e inferiores.

Todas as cenas descritas acima desenvolviam-se ao mesmo tempo. Vi no meio daquela multidão de jovens alguns que carregavam uma lamparina para iluminar mesmo em pleno meio-dia. Seriam os que teriam sido de bom exemplo para outros operários do Evangelho e com isso devem iluminar o clero. Entre eles está Paulo Álbera que, além de carregar a lamparina, também tocava violão. Isto significa que mostrará o caminho para os sacerdotes e lhes incutirá coragem para seguirem adiante na própria missão: alude-se a um outro alto cargo que desempenhará na Igreja.

Em meio a tanta movimentação, nem todos os jovens que eu via estavam ocupados em algum serviço. Um deles segurava uma pistola, isto é, tinha vocação para militar, mas ainda não se tinha decidido. Havia quem estava com a mão na cintura olhando para os que ceifavam e ao mesmo tempo não estavam nem um pouco decididos a imitar seu exemplo. Alguém estava indeciso, mas pesava-lhe o cansaço e não sabia se devia também meter-se a ceifar. Outro apressava-se em pegar a foice. Um grupinho, porém, reunido, permanecia sem fazer nada. Outros manejavam a foice segurando-a voltada de costas entre eles estava o Molino, e são os que fazem o contrário do que devem

fazer. Existiam aqueles, e eram muitos, que se afastavam para ir recolher uvas silvestres e representam os que perdem tempo em coisas alheias ao ministério.

Enquanto eu ia observando o que se passava no campo de trigo, vi um outro grupo de jovens que capinava, e também este grupo apresentava um espetáculo interessante: a maior parte deles era forte e trabalhava com afinco, mas também entre eles não faltavam os acomodados; havia quem manuseasse a enxada do lado errado, outros davam a enxadada sobre a terra, mas ela não rasgava o solo. Para alguns, a cada enxadada, a lâmina se soltava do cabo. O dito cabo significa a reta intenção.

Percebi que alguns, que atualmente são aprendizes, antes estavam no campo a ceifar, e outros, que agora estão a estudar, anteriormente estavam capinando. Novamente tentei tomar nota de todas as situações, mas meu intérprete sempre me mostrava seu caderno e me impedia de escrever. Ao mesmo tempo percebi que havia muitíssimos jovens que lá estavam sem nada fazer, que não se decidiam se deviam ceifar ou carpir. Os dois Dalmazzo, o Primo Gariglio e Monasterolo com muitos outros olhavam, mas estavam resolvidos a assumir uma posição.

E continuei a olhar. Notei que alguns dos que saíam do meio dos capinadores queriam meter-se a ceifar. Um deles correu distraidamente para o campo de trigo, mas sem antes pegar uma foice. Envergonhou-se daquela estulta precipitação, voltou atrás para pedi-la. Quem distribuía foices não queria ceder, mas ele queria. E o distribuidor lhe disse:

– Ainda não é tempo.

– Sim! É tempo sim! Eu quero.

– Não! Vai ainda pegar duas flores naquele canteiro!

Exclamou, levantando os ombros, o presunçoso:

– Ah! Vou pegar quantas flores você quiser.

– Não! Só duas!

E aquele presunçoso correu logo. Mas lembrou-se de que não tinha perguntado que tipo de flores devia pegar.

Voltou rápido. E recebeu esta resposta:

- Pegará a flor da caridade e a flor da humildade.
- Eu já as tenho!
- Você as tem na presunção. Na realidade não tem

nada.

E o jovem discutiu, esperneou, enfureceu-se, agitou-se. E o distribuidor lhe disse:

– Agora não é mais tempo de ficar bravo. – E negou-lhe resolutamente a foice. O pretendente roía os punhos de raiva.

Tendo assistido a este último espetáculo, desgrudei os olhos da tela onde tinha visto coisas tão impressionantes. Estava comovido com as aplicações morais que se me tinham sugerido por aquele amigo. Eu ainda quis pedir algumas explicações, e ele me repetiu:

– O campo de trigo significa a Igreja. A messe é o fruto recolhido. A foice é o símbolo dos meios para colher fruto, especialmente a palavra de Deus, foice sem corte é a falta de piedade, sem ponta é a falta de humildade. Sair do campo ceifando quer dizer sair do Oratório e abandonar a Pia Sociedade.

III

Na noite do dia 4 de maio, Dom Bosco fez a conclusão do sonho em que no primeiro quadro lhe tinha sido mostrado o Oratório, seus alunos e, de modo especial, os estudantes. No segundo quadro os que eram chamados ao estado eclesiástico. Agora entramos no terceiro quadro do seriado, em que aparecem em cenas sucessivas os jovens do ano de 1861 inscritos na Pia Sociedade de São Francisco de Sales, com seu prodigioso crescimento e com o desaparecimento gradativo do mundo dos primeiros salesianos a quem iam se sucedendo os continuadores de sua obra. E aí Dom Bosco falou:

Depois que eu tinha agradavelmente assistido à cena da colheita, rica de tanta variedade, o gentil

desconhecido me ordenou:

– Agora, dê dez rodadas com a manivela, conta e, depois, olha.

Pus-me a girar a roda e, após dez giros, enfiei os olhos na lente. Vi todos os meus jovens que, havia uns poucos dias, eu os tinha acariciado como meninos. Agora estavam adultos, de aspecto viril, alguns de barba comprida, outros de cabelos grisalhos. Então eu perguntei:

– Mas como é isso? Faz poucos dias aquele aí era um menino, quase de podia carregá-lo no colo! Como é que está assim crescido?

– É natural. Quantas maniveladas deu na roda?

– Dez.

– Pois é! 61 a 71. Neste ano todos somam dez anos a mais.

– Ah! Entendi. Olhei no fundo da lente. Panoramas desconhecidos. Novas casas que nos pertenciam. Muitos jovens alunos sob a direção dos meus caros filhos do Oratório, agora já padres, professores e diretores, que os instruíam e os divertiam. O personagem continuou a dizer:

– Dê mais dez giros na manivela. Avançamos até 1881.

Peguei a manivela e a roda rodou por mais dez vezes. Parei. Encostei o olho, olhei e vi. Só a metade dos jovens vistos antes, quase todos grisalhos e alguns já encurvados. Perguntei:

– Onde estão os outros?

– Já passaram, foram para a outra vida.

A assombrosa diminuição dos meus jovens ocasionou-me viva preocupação. Mas retomei fôlego ao poder visualizar também como, num quadro imenso, lugares novos, e regiões desconhecidas, e uma multidão de jovens sob o cuidado e a direção de professores novos, ainda dependentes dos meus antigos jovens, alguns deles em idade bem madura. Depois dei mais dez giros na roda e aí só vi uma quarta parte dos meus jovens visualizados na rodada anterior, mais velhos, de barba e cabelos brancos...

– E os outros todos?

– Já foram para a outra vida. Estamos em 1891.

Eis o que aconteceu debaixo de meus olhos: outra cena comovente. Meus filhos padres, cansados das fadigas, rodeados de jovens que eu nunca tinha visto. Muitos de pele de outra cor, bem diversos dos nossos lugares. E mais dez vezes rodei a roda. Só vi um terço dos meus jovens, já decrepitos, velhos, corcundas, desfigurados, macilentos, em seus últimos anos. Entre eles lembro de ter visto o P. Rua tão velho, magro, quase não dava para reconhecê-lo mais, tanto tinha mudado. Perguntei:

– E os outros todos?

– Já foram para a outra vida. Estamos em 1901.

Em muitas casas eu não reconheci mais nenhum dos nossos antigos. Havia diretores e mestres nunca antes vistos por mim, uma multidão de jovens cada vez maior, casas aumentadas, pessoal dirigente admiravelmente acrescido. O gentil intérprete continuou a falar:

– Agora dê mais dez giros na roda neste controle e verá coisas que o consolam e outras que causarão profunda preocupação.

Girei dez vezes mais a manivela. Ele exclamou:

– Eis o ano de 1911!

– Ah! Meus caros jovens! Vi casas novas, novos jovens; diretores e professores com trajés diferentes, novas atitudes.

E dos meus do Oratório de Turim? Procurei e busquei com insistência no meio daquela multidão de jovens. Achei um só dentre vocês, todo encanecido e decrepito pelos muitos anos, cercado de uma bela coroa de jovens. Contava o início do nosso Oratório. Recordava-lhes as coisas aprendidas de Dom Bosco e mostrava os retratos de Dom Bosco dependurados na parede da portaria, de outros velhos alunos, de superiores das casas que ele já tinha conhecido como anciãos...

Depois de um novo comando na manivela, mais giros. Não vi senão um imenso ermo povoado de solidão, sem alma viva. Gritei estarrecido:

– Oh! Não vejo mais ninguém! Não vejo mais ninguém dos meus! Onde estão todos aqueles jovens acolhidos por mim, tão alegres, espertos, vigorosos e que atualmente estão junto comigo no Oratório?

– Estão na outra vida. Saiba que já se passaram dez anos a cada dezena da manivelada.

Então contei quantas voltas de dez giros tinha dado com o manípulo e resultou que tinham transcorrido cinquenta anos e que lá pelo ano de 1911 os atuais jovens do Oratório tinham falecido todos. E o benévolo guia:

– Quer ver algo surpreendente?

– Sim! Sim! Quero sim.

– Então preste atenção, se é que lhe agrada ver e saber mais. Gire a manivela em sentido contrário, contando outros tantos giros quantos deu antes.

E a roda girou. Ele me disse:

– Olhe agora!

Olhei e vi. Apareceu diante de mim uma quantidade imensa de jovens, todos diferentes, de infinita variedade de trajes, países, feições e línguas. Embora eu me esforçasse o mais que podia, não consegui distinguir a não ser uma mínima parte junto com seus superiores, diretores, mestres e assistentes. Eu falei em voz alta:

– Todos estes realmente são desconhecidos. E obtive a seguinte resposta:

– Todavia, todos eles são seus filhos. Ouça-os, pois estão falando de você, de seus antigos filhos e que foram superiores deles mesmos e que agora não mais estão há tempo. Relembrem os ensinamentos recebidos de vocês e deles.

Olhei ainda com muita atenção. Mas quando tirei os olhos da tela, a roda começou a girar sozinha com extrema velocidade e muito estrépito. Aí eu acordei, morto de cansaço.

Agora que lhes contei estas coisas, vocês poderão pensar: Quiçá! Dom Bosco é um homem fora do comum, algum grande personagem, seguramente um santo! Meus queridos jovens! Para dirimir falsos conceitos a meu respeito, deixo a todos a completa liberdade de acreditar ou não nestas coisas, dar ou

não dar importância. Recomendo-lhes, porém, não levem isso em mofa, quer com companheiros, quer com pessoas estranhas. Acho por bem asseverar-lhes que o Senhor tem infinitos meios para manifestar aos homens sua vontade. Às vezes ele se serve de instrumentos ineptos e indignos, como se serviu da burra de Balaão, fazendo-a falar. Serviu-se do mesmo Balaão, falso profeta, que predisse muitas coisas relativas ao Messias. Isso pode acontecer também comigo. Peço, porém, que não comparem suas obras com as minhas.

O que vocês devem fazer é apenas ouvir o que eu digo porque isto, é o que espero, mostrará sempre a vontade de Deus e redundará no bem das almas. Com relação àquilo que eu faço, nunca digam: Dom Bosco fez assim, então, está certo. Não! Primeiro observem o que eu faço. Se virem que é bom, imitem. Se, por acaso, perceberem que aquilo que eu faço não é conveniente, guardem-se de imitar. Considerem-no mal feito.

(MB IT VI, 898-916 / MB PT VI, 839-949)

As “Estações Romanas”. Uma tradição milenar

As “Estações romanas” são uma antiga tradição litúrgica que, durante a Quaresma e a primeira semana do Tempo Pascal, associa cada dia a uma igreja específica de Roma, dentro de um caminho de peregrinação. O termo “statio” (do latim stare, parar) remete à ideia de uma parada comunitária para a oração e a celebração. Nos séculos passados, o Papa e os fiéis se moviam em procissão da igreja chamada “collecta” até a estação do dia, onde se celebrava a Eucaristia. Este rito, embora tenha raízes nos primeiros séculos do cristianismo, mantém sua vitalidade até hoje, quando a indicação da igreja estacional ainda figura nos livros litúrgicos. É uma verdadeira

peregrinação entre as basílicas e os santuários da Cidade Eterna que pode ser feita neste ano jubilar não apenas como um caminho de conversão, mas também como um testemunho de fé.

Origem e difusão

As origens das Estações romanas remontam pelo menos ao século III, quando a comunidade cristã ainda sofria perseguições. As primeiras testemunhas fazem referência ao Papa Fabiano (236-250) que se dirigia aos locais de culto surgidos nas catacumbas ou nos sepulcros dos mártires, distribuindo aos necessitados o que os fiéis ofereciam como esmola e celebrando a Eucaristia. Este costume se fortaleceu no século IV, com a liberdade de culto sancionada por Constantino: surgiram grandes basílicas, e os fiéis começaram a se reunir em dias precisos para celebrar a Missa nos locais ligados à memória dos santos. Com o passar do tempo, o itinerário assumiu um caráter mais orgânico, criando um verdadeiro calendário de estações que tocavam os diferentes bairros de Roma. A dimensão comunitária – com a presença do bispo, do clero e do povo – tornou-se assim um sinal visível de comunhão e de testemunho da fé.

Foi o Papa Gregório Magno (590-604) quem deu estrutura e regularidade ao uso das Estações, especialmente na Quaresma. Ele estabeleceu um calendário que, dia após dia, atribuía a uma igreja específica a celebração principal. Sua reforma não nasceu do nada, mas organizou uma prática já existente: Gregório quis que a procissão partisse de uma igreja menor (*collecta*) e se concluísse em um lugar mais solene (*statio*), onde o povo, unido ao Papa, celebrava os ritos penitenciais e a Eucaristia. Era uma forma de se preparar para a Páscoa: o próprio caminho que indicava a peregrinação terrena em direção à eternidade, as igrejas que, com sua arquitetura sagrada e obras de arte, desempenhavam uma função pedagógica numa época em que nem todos podiam ler ou acessar livros, as relíquias dos mártires conservadas nessas igrejas testemunhavam a fé vivida até dar a vida e sua intercessão trazia graças àqueles

que as solicitavam, a celebração do Sacrifício da Missa santificava os fiéis participantes.

No decorrer da Idade Média, a prática das Estações romanas se difundiu cada vez mais, tornando-se não apenas um evento eclesial, mas também um fenômeno social de grande relevância. Os fiéis, de fato, que provinham das diferentes regiões da Itália e da Europa, se uniam aos romanos para participar desses encontros litúrgicos.

Estrutura da celebração estacional

O elemento característico dessas celebrações era a procissão. Pela manhã, os fiéis se reuniam na igreja da *collecta*, onde, após um breve momento de oração, se dirigiam em cortejo para a igreja estacional, entoando ladainhas e cânticos penitenciais. Ao chegarem ao destino, o Papa ou o prelado encarregado presidia a Missa, com leituras e orações próprias do dia. O uso das ladainhas tinha um forte sentido espiritual e pedagógico: enquanto se caminhava fisicamente pelas ruas, se rezava pelas necessidades da Igreja e do mundo, invocando os santos de Roma e de toda a cristandade. A celebração culminava na Eucaristia, conferindo a esta “parada” um valor sacramental e de comunhão eclesial.

A Quaresma tornou-se o tempo privilegiado para as Estações, a partir da Quarta-feira de Cinzas até o Sábado Santo ou, segundo alguns costumes, até o segundo domingo após a Páscoa. Cada dia era caracterizado por uma igreja designada, escolhida muitas vezes pela presença de relíquias importantes ou por sua história particular. Exemplos notáveis incluem *Santa Sabina no Aventino*, onde geralmente começa o rito da Quarta-feira de Cinzas, e *Santa Cruz em Jerusalém*, ligada ao culto das relíquias da Cruz de Cristo, meta tradicional da Sexta-feira Santa. Participar das Estações quaresmais significa entrar em uma peregrinação diária, que une os fiéis em um percurso de penitência e conversão, sustentado pela devoção aos mártires e santos. Cada igreja conta uma página da história, oferecendo imagens, mosaicos e arquiteturas que comunicam a mensagem

evangélica de forma visual.

Um dos traços mais significativos dessa tradição é a ligação com os mártires da Igreja de Roma. No período das perseguições, muitos cristãos encontraram a morte por causa de sua fé; na época constantiniana e posterior, sobre seus sepulcros foram erguidas basílicas ou capelas. Celebrar uma *statio* nesses lugares significava evocar o testemunho de quem deu a vida por Cristo, reforçando a convicção de que a Igreja é edificada também sobre o sangue dos mártires. Cada visita litúrgica tornava-se assim um ato de comunhão entre os fiéis de ontem e os de hoje, unidos pelo sacramento da Eucaristia. Esta “peregrinação na memória” conectava o caminho quaresmal a uma história de fé transmitida de geração em geração.

Do declínio à redescoberta

Na Idade Média e nos séculos seguintes, a prática das Estações conheceu vicissitudes alternadas. Às vezes, devido a epidemias, invasões ou situações políticas instáveis, foi reduzida ou suspensa. Os livros litúrgicos, no entanto, continuaram a indicar as igrejas estacionais para cada dia, sinal de que a Igreja preservava pelo menos a lembrança simbólica. Com a reforma litúrgica tridentina (século XVI), a centralidade do Papa em tais celebrações tornou-se menos frequente, mas o uso de citar a igreja estacional permaneceu nos textos oficiais. Com o renovado interesse pela história e pela arqueologia cristã, a tradição estacional foi redescoberta e reapresentada como um caminho de formação espiritual.

Na época moderna, especialmente a partir de Leão XIII (1878-1903) e posteriormente com os papas do século XX, assistiu-se a um crescente interesse pela recuperação dessa tradição. Várias ordens religiosas e associações leigas começaram a promover a redescoberta da “peregrinação das estações”, organizando momentos comunitários de oração e catequese nas igrejas designadas.

Hoje, numa época caracterizada pelo frenesi e pela velocidade,

a *statio* propõe redescobrir a dimensão da “parada”: parar para rezar, contemplar, ouvir, fazer silêncio e encontrar o Senhor. A Quaresma é por definição um tempo de conversão, de oração mais intensa e de caridade para com o próximo: realizar um itinerário entre as igrejas de Roma, mesmo que apenas em alguns dias significativos, pode ajudar o fiel a redescobrir o sentido de uma penitência vivida não como uma renúncia em si mesma, mas como uma abertura ao mistério de Cristo.

Ainda hoje, no Calendário Romano, encontramos indicada a igreja estacional para cada dia: isso remete à unidade do povo de Deus, reunido em torno do sucessor de Pedro, e à memória dos santos que dedicaram suas vidas ao Evangelho. Quem participa dessas liturgias – mesmo que esporadicamente – descobre uma cidade que não é apenas um museu a céu aberto, mas um lugar onde a fé se expressou de maneira original e duradoura.

Quem deseja redescobrir o sentido profundo da Quaresma e da Páscoa pode, portanto, deixar-se guiar pelo itinerário estacional, unindo sua voz à dos cristãos de ontem e de hoje no grande coro que conduz à luz pascal.

Apresentamos a seguir o itinerário das Estações Romanas, acompanhado da lista das igrejas e de sua localização geográfica. É importante notar que a ordem da lista permanece inalterada a cada ano; varia apenas a data de início da Quaresma e, conseqüentemente, as datas subsequentes. Desejamos uma proveitosa peregrinação a todos que desejarem percorrer, mesmo que apenas em parte, este caminho no ano jubilar.

			Estação Romana	Mártires e santos conservados ou suas relíquias
--	--	--	---------------------------	--

1	03.05	Qa	S. Sabina no Aventino	Santa Sabina e Santa Serápia, mártir († 126); Santo Alexandre, Evêncio e Teódulo, mártires
2	03.06	Qi	S. Jorge no Velabro	São Jorge , mártir († 303)
3	03.07	Se	São João e São Paulo no Célio	São João e São Paulo , mártires († 362); São Paulo da Cruz († 1775), fundador da Congregação da Paixão de Jesus Cristo (os Passionistas)
4	03.08	Sa	S. Agostino em Campo Márcio	Santa Mônica († 387), mãe de Santo Agostinho; relíquias de Santo Agostinho († 430)
5	03.09	Do	São João de Latrão	Cabeças de São Pedro e São Paulo : essas relíquias estão guardadas em relicários de prata colocados sobre o altar papal, visíveis através de uma grade dourada; a Escada Santa (na capela próxima do “Sancta Sanctorum”); a Mesa da Última Ceia – a mesa sobre a qual, segundo a tradição, foi celebrada a Última Ceia (reliquia significativa que se encontra sobre o altar do Santíssimo Sacramento)
6	03.10	Se	S. Pedro in Vincoli no Monte Ópio	Correntes de São Pedro; relíquias atribuídas aos Sete Irmãos Macabeus, personagens do Antigo Testamento venerados como mártires
7	03.11	Te	S. Anastácia no Palatino	Santa Anastácia de Sírmio († 304); relíquias do Sagrado Manto de São José; parte do Véu da Virgem Maria

8	03.12	Qa	S. Maria Maior	<p>Madeira</p> <p>Sagrada do Presépio (a manjedoura do Menino Jesus);</p> <p>“panniculum” (um pequeno pedaço de tecido,</p> <p>parte dos panos com os quais foi envolto Jesus recém-nascido);</p> <p>São Mateus, apóstolo († 70 ou 74); São Jerônimo († 420); São Pio V, papa († 1572)</p>
9	03.13	Qi	S. Lourenço em Panisperna	<p>Local</p> <p>do martírio de São Lourenço († 258); São Lourenço, mártir; Santa Crispina, mártir († 304); Santa Brígida da Suécia († 1373)</p>
10	03.14	Se	Os Santos Doze Apostolos no Foro Trajano	<p>São Filipe, apóstolo († 80); São Tiago Menor, apóstolo († 62); São Crisanto e São Dária, mártires († c. 283)</p>

11

[03.15](#)

Sa

[S.
Pedro no Vaticano](#)

São [Pedro](#) († 67); São [Lino](#) († 76); São [Cleto](#) († 92); Santo [Evaristo](#) († 105);
Santo [Alexandre](#)
[I](#) († 115); São [Sixto](#)
[I](#) († 126–128); São [Telésforo](#) († 136);
Santo [Higino](#) († 140); São [Pio](#)
[I](#) († 155); Santo [Aniceto](#) († ?); Santo
[Eleutério](#) († 189); São [Vítor](#)
[I](#) († 199); São [João](#)
[Crisóstomo](#) († 407, relíquias na Capela
do Coro); São [Leão](#)
[I](#),
Magno († 461); São [Simplicio](#) († 483);
São [Gelásio](#)
[I](#) († 496); São [Símaco](#) († 514); Santo
[Homisda](#) († 523); São [João](#)
[I](#) († 526); São [Félix](#)
[IV](#) († 530); Santo [Agapito](#)
[I](#) († 536); São [Gregório](#)
[I, Magno](#) († 604); São [Bonifácio](#)
[IV](#) († 615); Santo [Eugênio](#)
[I](#) († 657); São [Vitaliano](#) († 672);
Santo [Agatão](#) († 681); São [Leão](#)
[II](#) († 683); São [Bento](#)
[II](#) († 685); São [Sérgio](#)
[I](#) († 701); São [Gregório](#)
[II](#) († 731); São [Gregório](#)
[III](#) († 741); São [Zacarias](#) († 752); São
[Paulo](#)
[I](#) († 767); São [Leão](#)
[III](#) († 816); São [Pascoal](#)
[I](#) († 824); São [Leão](#)
[IV](#) († 855); São [Nicolau](#)
[I](#) († 867); São [Leão](#)
[IX](#) († 1054); Beato [Urbano](#)
[II](#) († 1099); Beato [Inocêncio](#)
[XI](#) († 1689); São [Pio](#)
[X](#) († 1914); São [João](#)
[XXIII](#) († 1963); São [Paulo](#)
[VI](#) († 1978); Beato [João](#)
[Paulo I](#) († 1978); São [João](#)
[Paulo II](#) († 2005); pedaço da cruz de
Santo André;
lança de São Longino; pedaço da Cruz
de
Cristo

12	03.16	Do	S. Maria in Domnica na Navicella	São Lourenço , mártir († 258); Santa Ciriaca, mártir
13	03.17	Se	S. Clemente no Latrão	São Clemente I , papa e mártir († 101); Santo Inácio de Antioquia , bispo e mártir († c. 110); São Cirilo († 869), apóstolo dos eslavos
14	03.18	Te	S. Balbina no Aventino	Santa Balbina , virgem e mártir († 130); São Felicíssimo e São Quirino (seu pai) associados ao martírio de Santa Balbina
15	03.19	Qua	S. Cecilia em Trastevere	Santa Cecília († 230); São Valeriano, marido de Cecília, convertido ao cristianismo e martirizado († 229); São Tibúrcio, irmão de Valeriano e companheiro de martírio; São Máximo, o soldado ou funcionário encarregado da execução de Valeriano e Tibúrcio, que depois se converteu e foi martirizado; Papa Urbano I († c. 230), que supostamente teria batizado Cecília e seu esposo Valeriano
16	03.20	Qui	S. Maria em Trastevere	São Júlio I , papa († 352); São Calisto I , papa mártir († c. 222); São Florentino, Santa Corona, São Sabino e Santo Alexandre, mártires
17	03.21	Se	S. Vital em Fovea	São Vital († 304), Santa Valéria († século II), São Gervásio e São Protásio († século II)

18	03.22	Sa	São Pedro e São Marcelino em Latrão	São Marcelino e São Pedro , mártires († 304); Santa Márcia, mártir associada a São Marcelino e São Pedro
19	03.23	Do	S. Lourenço fora dos muros	São Lourenço († 258); Santo Estêvão , protomártir (século I); Santo Hipólito († século III); São Justino , mártir († 167); Papa São Sixto III († 440); Papa São Zósimo († 418); Beato Pio IX , papa († 1878)
20	03.24	Se	S. Marcos no Capitólio	São Marcos , o evangelista e mártir (século I); Papa São Marcos († 336); Santo Abdon e São Sénen, mártires persas (século III)
21	03.25	Te	S. Pudenciana no Viminale	Santa Pudenciana , mártir (século II); Santa Praxedes , sua irmã (século II)
22	03.26	Qa	S. Sisto (São Nereu e Santo Aquileu)	São Sixto I , papa († 125); São Nereu e São Aquileu († 300); Santa Flávia Domitila , mártir (século I)
23	03.27	Qi	São Cosme e São Damião na Via sacra	São Cosme e São Damião , médicos e mártires († 303); Santo Antímio e São Leôncio, irmãos e mártires
24	03.28	Se	S. Lourenço em Lucina	A grade de São Lourenço, sobre a qual o santo teria sido queimado vivo; vaso que contém a carne queimada de São Lourenço
25	03.29	Sa	S. Susanna nas Termas de Diocleciano	Santa Susana , virgem e mártir († 294)

26	03.30	Do	S. Cruz em Jerusalém	Fragmentos da Verdadeira Cruz, parte do Titulus Crucis (a inscrição "I.N.R.I."); pregos da crucificação e alguns espinhos da Coroa; um fragmento da cruz do Bom Ladrão, São Dimas ; a falange de São Tomé , apóstolo († século I)
27	04.31	Se	Os Santos Quatro Coroados no Célio	São Castório, São Sinfoniano, São Cláudio e São Nicóstrato , mártires († século IV)
28	04.01	Te	S. Lourenço em Dâmaso	São Lourenço , mártir († 258); São Dâmaso , papa e mártir († 384); Jovino e Faustino, mártires
29	04.02	Qa	S. Paulo fuera dos Muros	São Paulo , apóstolo († 67); a cadeia de São Paulo; o bastão de São Paulo
30	04.03	Qi	São Silvestre e São Martinho nos Montes	Santo Artêmio, Santa Paulina e São Sisínio, mártires; beato Ângelo Paoli († 1720)
31	04.04	Se	S. Eusébio no Esquilino	Santo Eusébio , presbítero e mártir († 353); Santo Orósio e São Paulino, sacerdotes e mártires
32	04.05	Sa	S. Nicolau eem Cárcere	São Nicolau de Bari († 270); São Marcelino e São Faustino, mártires († 250)
33	04.06	Do	S. Pedro no Vaticano	

34	04.07	Se	S. Crisógono em Trastevere	São Crisógono , mártir († 303); Santa Anastácia, mártir († 250); São Rufo, mártir († século I); beata Anna Maria Taigi († 1837)
35	04.08	Te	S. Maria em via Lata	Santo Agapito , mártir († 273); Santo Hipólito e São Dário, mártires († século IV); fragmento da Verdadeira Cruz
36	04.09	Qa	S. Marcelo no Corso	São Marcelino I , papa († 309); Santa Digna e Santa Emérita, mártires
37	04.10	Qi	S. Apolinário em Campo Márcio	Santo Apolinário († século II); Santo Eustáquio, São Bardário, Santo Eugênio, Santo Orestes e Santo Eusêncio, mártires
38	04.11	Se	S. Estêvão no Célio	Santo Estêvão , protomártir († 36); São Primo e São Feliciano , mártires († 303); fragmentos da Cruz Verdadeira
39	04.12	Sa	S. João em Porta Latina	Fragmentos ósseos ou pequenos relicários contendo partes do corpo ou objetos pessoais atribuídos a São João Evangelista († 98); São Gordiano e Santo Epímaco, mártires († século IV)
40	04.13	Do	S. João de Latrão	
41	04.14	Se	S. Praxedes no Esquilino	Santa Praxedes , mártir († século II); Santa Pudenciana, mártir († século II); Santa Vitória, mártir († 253); Coluna da Flagelação

42	04.15	Te	S. Prisca no Aventino	Santa Prisca, uma das primeiras mártires cristãs († século I); Santo Áquila e Santa Priscila , cônjuges cristãos; fragmentos da Verdadeira Cruz
43	04.16	Qa	S. Maria Maior	
44	04.17	Qi	S. João de Latrão	
45	04.18	Se	S. Cruz em Jerusalém	
46	04.19	Sa	S. João de Latrão	
47	04.20	Do	S. Maria Maior	
48	04.21	Se	S. Pedro no Vaticano	
49	04.22	Te	S. Paulo fora dos Muros	
50	04.23	Qa	S. Lourenço fora dos Muros	São Lourenço , mártir († 258); Santo Estêvão , protomártir († 36); São Sebastião , mártir († 288); São Francisco de Assis († 1226); Papa São Zósimo († 418), Papa São Sixto III († 440), Papa Santo Hilário († 468), Papa São Damaso II († 1048); beato Pio IX , papa († 1878); fragmentos da Cruz Verdadeira
51	04.24	Qi	Os Santos Doze Apóstolos	São Filipe , apóstolo († 80); São Tiago Menor († 62)

52	04.25	Se	<p>S. Maria dos Mártires (Panteão)</p>	<p>São Longino, soldado romano que transpassou o lado de Jesus Cristo durante a crucificação († século I); Santa Bibiana, mártir († 362–363); Santa Lúcia, mártir († 304); São Rásio e Santo Anastácio, mártires; durante a consagração da igreja, em 609 d.C., pelo Papa Bonifácio IV, foram transferidos para cá, dos cemitérios romanos, os ossos de cerca de 28 grupos de mártires</p>
53	04.26	Sa	<p>S. João de Latrão</p>	
54	04.27	Do	<p>S. Pancrácio</p>	<p>São Pancrácio, mártir († 304); fragmentos da Verdadeira Cruz</p>